

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Ilustração: Frederico Delgado



Os caminhos do conto

Escritores e críticos discutem o futuro do gênero que revelou autores clássicos da literatura mundial

• Respeitem este direito | Marcelino Freire • Chuva | Otávio Duarte • Anotações de viagem a Juqueí | Ivana Arruda Leite •

Além de difundir a literatura contemporânea e incentivar a leitura, o **Cândido** também deseja fomentar discussões a respeito dos rumos de nossa cultura. Se na edição passada falamos sobre os desafios da formação de novos leitores na era das redes sociais, desta vez colocamos em pauta uma discussão a respeito do conto — gênero que deu à nossa literatura obras e autores geniais como Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Lima Barreto —, mas que tem perdido espaço para o romance neste início de século. Autores, críticos e editores discutem por que o gênero tem sido preterido pelas narrativas mais longas.

“É certo — reiterando — que ninguém consegue [hoje] o mesmo destaque que Rubem Fonseca ou Dalton Trevisan conseguiram em suas épocas. De onde que se conclui que vivemos uma época, no Brasil, que viralizou o conto”, diz João Gabriel de Lima, editor da *Bravo!*, uma das revistas de cultura mais importantes do país.

Como contraponto a essa possível “crise do conto”, a quarta edição do **Cândido** traz contos de Marcelino Freire, Ivana Arruda Leite e Otávio Duarte, além de depoimentos de contistas sobre o gênero que consagrou Jorge Luis Borges.

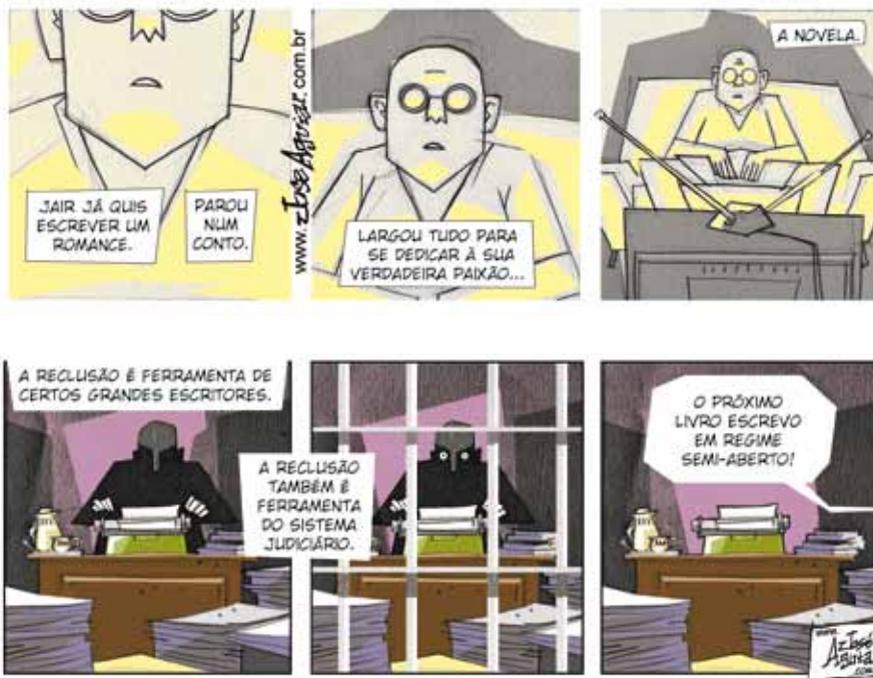
Sempre em busca de boas histórias envolvendo a literatura, contamos nesta edição a saga de Sansão José Loureiro, o maior doador de livros da Biblioteca Pública do Paraná, que há setenta anos é um leitor apaixonado. A edição apresenta também bate-papos interessantes com Sérgio Rodrigues, jornalista e escritor que se divide entre a ficção e a crítica literária, e Marçal Aquino, um dos autores mais talentosos da literatura contemporânea.

Como de praxe, as ilustrações dão colorido especial à edição, cuja capa é ilustrada pelo artista espanhol Federico Delicado, colaborador de vários jornais da Europa, entre eles o *El País*, da Espanha, onde ilustra o caderno literário *Babelia*. Outras feras do traço, como os curitibanos DW Ribatski e André Caliman, também ajudam a deixar os textos do **Cândido** mais saborosos.

Boa leitura a todos

TIRAS

JOSÉ AGUIAR



CARTAS



Cândido, o jornal da Biblioteca, Âncora da nova fase, heureka!

Não deixarão (esperamos) cair a peteca,
Dialogando com frequentadores sérios e... sapeca,
Impossível publicar textos levados da breca,
Divulgando a cultura paranaense, e a oposição já seca;
O jornalismo cultural não é loteca!...

Luís Santos – via e-mail.

Recebi a edição nº 2 do Cândido, atestando o excelente formato e a qualidade gráfica, bem como o elevado padrão estético do conteúdo. O novo suplemento, que nos remete aos bons tempos do Nicolau, consolida a tradição literária do Paraná, contribui para difundir as novidades da criação literária em nosso país e abre espaço para o debate e a crítica de alto nível. Vida longa Cândido.

Ronaldo Cagiano – São Paulo/SP

Maravilha de edição. Adorei os contos da Assionara Souza!

Fabiano Vianna – Curitiba/PR

QUEM SÃO OS ESCRITORES DA CAPA?

O ilustrador Federico Delicado, espanhol talentoso que aportou direto das páginas do *El País* para o **Cândido**, faz a capa desta edição. Ele reuniu uma turma da pesada, todos contistas do primeiro time da literatura mundial. E nós queremos saber quem são essas figuras. O primeiro leitor que acertar o nome de todos os escritores da capa ganhará o livro *Desgraciada*, de Dalton Trevisan, vencedor do Prêmio Jabuti de 2011, categoria Contos e Crônicas. Os palpites devem ser enviados para o e-mail imprensa@bpp.pr.gov.br. Boa sorte a todos.

EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.

Redação: Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice e Guilherme Sobota.

Fotografia: Kraw Penas. Projeto gráfico e diagramação: Versão

Design. Colaboradores desta edição: André Caliman, Bernardo

Ajzenberg, Cadão Volpato, DW Ribatski, Federico Delicado, Iacyr

Anderson Freitas, Ivana Arruda Leite, João Carrascoza, José Aguiar, Luís

Henrique Pellanda, Marcelino Freire, Marciel Conrado, Menalton Braff,

Otávio Duarte, Rafael Cerveglieire, Robson Vilalba e Rones Dumke.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO NO CÂNDIDO

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas, que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
- De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem).

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor. As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Li *Menos que um*, de Joseph Brodsky, há 14 anos, por indicação do escritor Miguel Sanches Neto. É um livro de ensaios. Foi uma leitura definitiva — em especial a descrição que o autor faz de sua rotina familiar num minúsculo apartamento de São Petersburgo, sem cozinha ou banheiro. Brodsky cresceu ouvindo os peidos dos vizinhos. Entendi a URSS ali. Impossível esquecer a maneira como o autor conta a história de Anna Akhmatova e seus versos escondidos pelo corpo, para que não fossem sequestrados pela KGB. Sanha de poeta.

José Carlos Fernandes é jornalista, colunista da *Gazeta do Povo* e professor da PUC-PR e da UFPR. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



A escolha certa, de Og Mandino, é um livro que mostra a importância de você ir atrás do trabalho que realmente lhe dá prazer e satisfação. Conta a história de um grande executivo CEO de uma multinacional que aparentava ser realizado profissionalmente, mas no fundo era frustrado porque queria mesmo ser escritor. O livro conta sua trajetória de mudança atrás deste sonho; ele passa por inúmeras dificuldades, inclusive financeiras, em busca do que realmente acreditava. Ao ler *A escolha certa*, tomei uma atitude que mudou minha vida: pedi demissão do antigo emprego e fui atrás dos meus sonhos, pois o livro me ajudou abrindo meus olhos para que não deixasse o meu sonho escapar.

Diogo Portugal é comediante. Vive em São Paulo (SP).

Du Borsatto



Li aos 18 anos *Nine Stories*, publicado dois anos antes. Cada conto era uma revelação. Traduzi “Um dia perfeito para peixebanana” e publiquei na revista *Senhor* em 1962. É a pedra angular da família Glass, que ocuparia a maior parte da obra de Salinger. Seymour Glass mete uma bala na cabeça e vira lenda. A epígrafe do livro revela as intenções do autor: “Conhecemos o som de duas mãos batendo palmas. Mas qual é o som de uma mão batendo palmas? Um koan Zen.” E tem “Uncle Wiggily in Connecticut”, único texto de Salinger levado para a tela: *My foolish heart/Meu maior amor* (1949), de Mark Robson, não é mau. Susan Hayward recita diálogos inteiros, *ipsis*. E o filme lançou a canção, eterna favorita do jazz.

Roberto Muggiati é curitibano que botou o pé no mundo, começou na *Gazeta do Povo* em 1954, estudou jornalismo em Paris, trabalhou na BBC de Londres, foi editor de *Manchete*, *Veja* e *Fatos e Fotos*. Quarenta anos como autor, dos livros *Mao e a China* (1968) a *Improvizando soluções: o jazz como estratégia para o sucesso* (2008) — e mais a caminho. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Divulgação



Sempre gostei de Carlos Drummond de Andrade, em especial de um poema chamado “Biblioteca verde”, em que o poeta relata a alegria de uma criança ao ganhar os 24 volumes da Biblioteca Internacional de Obras Célebres. Esse poema fez aguçar minha curiosidade em conhecer essas obras. Quando comecei a trabalhar na Biblioteca Pública do Paraná, há 13 anos, pude conhecê-las e ver que são realmente maravilhosas.

Lidiamara Alvez Gross é a bibliotecária responsável pela Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Pública do Paraná. Vive em Curitiba (PR).

Kraw Penas



CURTAS DA BPP

Inscrições abertas para oficina de reportagem com Eliane Brum

A jornalista e escritora gaúcha Eliane Brum coordena a última edição da Oficina BPP de Criação Literária em 2011. O tema é reportagem. Para se inscrever, basta enviar um e-mail para oficina@bpp.pr.gov.br, com uma pequena biografia, de no máximo cinco mil caracteres. Nela, o candidato deverá contar quem ele é e por que quer ser — ou é — repórter. Também deverá enviar uma reportagem (investigativa) de até cinco mil caracteres sobre o seu nome — por que tem o nome que tem e como se relacionou e se relaciona com ele. Ambos os textos deverão ser enviados em formato *word*, fonte *Times New Roman 12*. O material será avaliado pela própria Eliane Brum. A oficina acontece entre 7 e 9 de dezembro, das 14h às 18h, na Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133). As inscrições vão até 21 de novembro e são gratuitas. As vagas são limitadas.

Lilo Claretto



Uma noite na Biblioteca

A Biblioteca Pública do Paraná vai participar da Virada Cultural de Curitiba com uma programação voltada ao público infantil. Entre 5 e 6 de novembro, crianças de até 13 anos passam “Uma Noite na Biblioteca”. Este é o segundo ano do acantonamento, que tem ocorrido sempre na madrugada da Virada Cultural. Além do teatro e contação de histórias, as crianças fazem um bibliotour, para conhecer todos os setores da BPP. O evento começa às 18h do dia 5 de novembro e vai até as 10h do dia 6. Pela manhã, as crianças e seus pais tomam café da manhã no hall de entrada da Biblioteca. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas na Seção Infantil da BPP e pelo telefone 41 3221 4980.

Um Escritor na Biblioteca

Luiz Alfredo Garcia-Roza é o próximo convidado do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O encontro acontece no dia 24 de novembro, quinta-feira, às 19h. Durante o bate-papo, promovido mensalmente pela BPP, os autores falam sobre sua formação como leitores e escritores e o papel que as bibliotecas exerceram em suas vidas. Garcia-Roza nasceu no Rio de Janeiro, em 1936. Seu romance de estreia, *O silêncio da chuva*, recebeu os prêmios Nestlé e Jabuti em 1997. Garcia-Roza também é o autor dos romances policiais: *Achados e perdidos*, *Vento sudoeste*, *Uma janela em Copacabana*, *Perseguido* e *Céu de origamis*.

Marçal Aquino

No sexto encontro do projeto “Um escritor na Biblioteca”, o autor de *Faroestes* falou sobre sua formação como leitor, seu fascínio pelos livros e do sucesso de sua obra literária no cinema, outra arte pela qual se diz “apaixonado”



Nascido em Amparo, cidade a 140 quilômetros da capital São Paulo, Marçal Aquino é atualmente considerado um dos grandes autores da literatura brasileira contemporânea. Cultuado especialmente pelos livros de contos e novelas, geralmente de temática policial, Aquino começou a ler ainda na infância de forma espontânea. “Nunca tive um adulto dizendo para eu ler. Então li às cegas, durante muitos anos”, disse o escritor no sexto encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. O início como ficcionista foi parecido. “Comecei fazendo redação na escola. Descobri, fascinado, que podia mentir à vontade. Essa foi a melhor coisa que descobri. Mentia impunemente”, diz o escritor. E completa: “porque a literatura, à semelhança do cinema, é manipulação. Um bom livro precisa de um bom leitor. Um bom livro sem um bom leitor não é nada.” Entre seus principais livros, destacam-se as coletâneas de contos *Faroestes* (2001) e *Famílias terrivelmente felizes* (2003), a novela *O invasor* (2002) e os romances *Cabeça a prêmio* (2003) e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), os três últimos adaptados para o cinema. Aquino também falou sobre a parceria que mantém com o cineasta Beto Brant, que já rendeu sete longas-metragens. Além de adaptar seus próprios livros (como no caso de *O invasor*), Marçal roteirizou obras de outros escritores, como Lourenço Mutarelli. O escritor também trabalha como roteirista de TV, escrevendo, ao lado de Fernando Bonassi, a série *Força Tarefa*, da Rede Globo. Durante a conversa, mediada pelo jornalista Irineo Baptista Netto, Marçal — que também é jornalista e foi por muitos anos repórter policial — ainda falou sobre releituras, técnicas de escrita e resenhas literárias.

Começando a ler

O livro entrou muito tarde na minha vida. Comecei pelas histórias em quadrinhos, com as quais fui alfabetizado. Eu era louco por histórias em quadrinhos, e achava os livros muito chatos, porque não tinham figuras. Eu queria ver as figuras, não sabia ler. Lembro de um sujeito que foi à minha casa e levou uma edição do *Tarzan*, escrito pelo Edgar Rice Burroughs. Resolvi ler e descobri uma coisa fascinante: era muito melhor do que qualquer gibi do Tarzan, do que qualquer filme do Tarzan, porque a história se passava dentro da minha cabeça. Eu fiz a transição — abandonei os quadrinhos e passei para os livros, ali pelos dez anos. Foi a curiosidade que me levou a abrir um livro. Nunca tive um adulto dizendo para eu ler. Então li às cegas, durante muitos anos. Li errado, como se diz. Embora não exista isso de ler errado, o importante é ler. Mas eu li Nietzsche com 13 anos. Não entendi nada, achava curiosíssimo aquilo. Por que aquilo era importante? Li Machado de Assis muito cedo: achei uma droga. *Dom Casmurro*, durante muitos anos, considerei um engodo. Aí fui ler mais tarde, com uma experiência de vida maior, e, claro, encontrei um grande autor. Mas li de forma desordenada.

História oral

Eu fui muito pobre. Ainda sou, mas hoje pelo menos consigo pagar as contas. Nasci numa fazenda. Então essa história de que tem que ter livros em casa para o cara enveredar para a literatura não é verdade. Meu pai tem terceiro ano do antigo primário, minha mãe tem ginásial incompleto. Mas há vantagens e desvantagens nisso. A primeira televisão que entrou na minha casa foi quando eu tinha 14 anos. Então, eu sou uma raridade: vi cinema antes de ver TV. Isso é impossível hoje em dia, qualquer criança nasce vendo TV. Eu vi cinema primeiro, e fiquei encantado com aquilo. Toda

a mitologia das histórias para mim está ligada à coisa oral, em que as pessoas se reuniam no final da noite e comentavam as histórias e os causos. Como eu era muito fã desse tipo de conversa, ficava perto dos adultos, então comecei a aprender técnicas narrativas inconscientemente. Meu pai, por exemplo, é um grande contador de histórias. Ele contava a mesma história meses seguidos. Só que cada vez que contava o causo, ele se modificava. Ele usava técnicas que aprendi ouvindo. Quando vou escrever, automaticamente penso no que pode e no que não pode ser revelado. Isso que você aprende depois nos grandes livros, sobre linguagem e tal.

Primeiros livros

Nunca vou esquecer: mentia minha idade para poder pegar livros proibidos. A biblioteca de Amparo, que na época tinha um acervo de uns 13 mil exemplares, era uma biblioteca bacana. Não sei como ela está hoje, mas para mim aquilo foi fundamental, porque eu não tinha dinheiro para comprar livros. E queria e precisava ler. Desesperadamente. Então, fui aquele rato de biblioteca. Houve momentos em que o bibliotecário me orientava, indicando autores e tal, mas na maior parte das vezes eu chegava lá e pensava: “isso aqui é um supermercado, posso ler tudo o que quiser”. Entrei pela primeira vez nessa biblioteca quando tinha onze anos. Outro dia eles me mandaram a minha ficha. Pude ver o que eu andava lendo naqueles anos. Pude ver que eu era um leitor onívoro, porque lia filosofia, poesia, prosa, policial, não tinha uma linha de leitura. Não era orientado para um só lado da literatura. Acho que isso me tornou um leitor sem preconceitos, um leitor que, para saber se um livro era bom ou não, tinha que ler. Houve um momento em que descobri Raymond Chandler, e aí li toda sua obra. Por sorte, tinha lá na biblioteca de Amparo. Descobri

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

autores policiais e fiquei anos lendo romance policial. Lembro também quando li *Moby Dick* — eu estava na escola e torcia para a aula terminar logo. Quando todo mundo ia jogar bola, eu ia para casa terminar de ler *Moby Dick*. Estava encantado com aquilo. Então, há momentos e livros que foram muito marcantes na minha trajetória.

Biblioteca em casa

Chegou um momento na minha vida em que eu tinha quatro mil livros, o que não é muito. O problema é que, quando ia procurar um livro, dava tanto trabalho que eu preferia ir comprar outro. Porque eu não ia achar naquele manancial. Morei num apartamento em que a coisa ficou tão feia, que o Beto Brant foi lá e disse: “os livros vão acabar botando você para fora”. Eu tinha livros em tudo que era canto, adoro isso, livros na sala, na cozinha. Gosto da presença do livro. No meu quarto, hoje, tenho várias estantes. Essa conversa mole de *e-book* não pega em mim. Vou morrer antes, então não tem problema. Fiquei feliz tal como os livros existem hoje. Um formato invencível.

Primeiras histórias

Comecei fazendo redação na escola. Descobri, fascinado, que podia mentir à vontade. Essa foi a melhor coisa que descobri. Mentia impunemente. Lembro que uma vez a professora me chamou para perguntar por que eu tinha escrito uma história com um final triste. Ela estava toda cheia de piedade. Quando eu disse que aquilo não tinha acontecido, ficou mais chocada ainda. É a coisa de manipular o outro, o que o escritor faz muito. O escritor, claro, vive todas as emoções, mas como trabalhamos com o plano das emoções, adoro a ideia de que posso mexer com a cabeça dos leitores. Quero que você fique perturbado, triste, alegre. Já vi gente contando a história de um livro meu que



O jornalista Irineo Netto conversa com Aquino no auditório Paul Garfunkel da BPP.

“ Um bom livro precisa de um bom leitor. Um bom livro sem um bom leitor não é nada.”

não era nada daquilo. Fazem leituras próprias, e aí toda leitura é válida. Ela é tão importante quanto a minha. A minha leitura é apenas uma. O autor não pode ser autoritário a ponto de achar a própria leitura a única possível. Isso é uma bobajada que se inventou numa certa época por aqui, em que se perguntava a um escritor qual era a mensagem de um livro. Como assim, que mensagem? Livro com mensagem é do Chico Xavier. Não tem que ter mensagem. Livro mexe com a sua cabeça ou não.

Mexe com a sua sensibilidade ou não, e assim por diante. O resto são invenções que as pessoas fazem para tornar complicado algo que é absolutamente simples. Quando você abre um livro, está em busca de um tipo de prazer que só a leitura pode dar. Nenhuma outra coisa é igual. Cinema, chocolate, nada é igual. O livro, até hoje, dá um tipo de gratificação que você não encontra em nenhum outro lugar. Sou viciado nisso.

Releitura

Há alguns livros que reli muito. *O estaleiro*, do Juan Carlos Onetti, li cinco, seis vezes. Graciliano Ramos, também. Já li umas dez vezes o *São Bernardo*. Tem uma definição do Italo Calvino interessante. Quando eu estava relendo o Onetti, uma namorada chegou para mim e disse: “você está lendo

esse livro de novo?”. Eu disse: “não, estou lendo pela primeira vez”. Porque o Calvino diz que o clássico é aquele livro que, quando se lê pela primeira vez, tem-se a impressão de já tê-lo lido. E quando você retoma esse livro para reler, sempre há a sensação de que é a primeira vez. O *São Bernardo* é assim para mim. Às vezes, há trechos que leio e penso como pude não ter percebido antes. Eu tinha lido, mas a mirada era de um outro momento. Até porque a gente vai mudando. Eu tinha outra idade, outras expectativas, tinha lido outras coisas. A verdade sobre um grande livro é que ele nunca termina de ser lido. Parecido com poesia. Não dá para dizer “eu li o Drummond”. Eu li Drummond. Para o escritor, tem outra coisa também: mesmo que não seja essa a intenção, quando você vai reler um livro e já está a par da trama, do desenvolvimento e da linguagem, você relê para aprender. Você incorpora coisas. O aprendizado de escrever é inesgotável, não acaba. Nenhum escritor poderá sentar e dizer: eu sou um escritor pronto. Este escritor estará morto. Porque nunca acaba esse aprendizado. Fico fascinado com as coisas que descubro relendo. Porque aí você lê sem preocupação com trama. Você relê pelo prazer. Mas, obviamente, releio livros que amei, que amo.

Técnica

O grande escritor não mostra a técnica, não é evidente, você não vê os andaimes. Num livro ruim, ficam todos os andaimes que o cara usou na construção. Há repetição. Estava lendo James Wood, autor de *Como funciona a ficção*, ele faz um comentário muito engraçado. Já flagrei escritor que usa a mesma imagem em dois livros. Ele gosta tanto daquela imagem que a usou em dois livros. Eu, na ocasião, fiquei pensando que ele tinha um repertório pequeno. Mas não, o James Wood fala que isso é consolidação de estilo. Perfeitamente. É tão bom,

é dele, que ele pode usar quantas vezes quiser. Então, essa coisa de prestar atenção na maneira que o escritor fez é ilusório, porque o bom escritor não mostra. Quando você lê um bom escritor, ele já te envolveu. Porque a literatura, à semelhança do cinema, é manipulação. Um bom livro precisa de um bom leitor. Um bom livro sem um bom leitor não é nada. Para se completar, o livro precisa que o leitor faça essa leitura, que não é necessariamente a leitura do escritor — e geralmente não é. O livro oferece essa possibilidade. A riqueza de leituras de um mesmo livro é um negócio absurdo. Todo mundo já deve ter vivido essa experiência. Às vezes, eu amo de paixão um livro, não aguento a gostosura, dou para um amigo que eu acho que vai ler e vai gostar, o cara lê e fala: “ah, achei ok”. É uma decepção muito grande para mim, porque aquilo foi transformador para mim. Então, literatura é uma viagem muito pessoal.

Vida de leitor

Só leio algo quando tenho um mínimo de curiosidade. Quando algum jornal fala para eu resenhar tal livro, recuso quando não estou curioso para ler aquilo. Por exemplo, tem autor que já sei que não vou conseguir ler. Nesta encadernação não vou ler alguns caras. O Proust é um deles. Não vou ler, não vai dar. Porque tem uns caras que eu quero reler. Mas quando você começa a reler, surge o seguinte problema: ao reler, você está ocupando um tempo de leitura que poderia ser dedicado a novos livros. Agora, se fica uma sequência de livro chato, você vai atrás do cara que conhece e gosta. É aquela coisa que o Raduan Nassar fala: é preciso afiar sua lâmina, se não ela fica cega. Então, você vai nos bons, nos caras que mexem com você e dialogam contigo. Hoje em dia não leio ninguém por obrigação. Nem amigo. Um dia um amigo levou um original lá em casa e disse: “eu vou deixar aí, mas você não precisa



“ Quando você lê um bom escritor, ele já te envolveu. Porque a literatura, à semelhança do cinema, é manipulação.”

ler, tá?” Eu disse: “que bom”. Porque eu não vou me obrigar a ler.

Escritor dentro da história

Desculpa, mas continuidade não é só no cinema. Eu, quando escrevo — digo por mim, cada um escreve de uma maneira — vejo aquilo que estou escrevendo. Sei a roupa que o personagem está vestindo, embora não vá descrever isso. Olho para ele e sei como é o seu rosto. Você tem que estar dentro da história. Esse é o es-

critor que respeito, que está lá dentro, isolado do mundo. O mundo exterior se perdeu. Eu abstraio o mundo ao redor. Não ouço que música está tocando, por exemplo, porque estou dentro do livro.

Relendo os próprios livros

Fiquei super ansioso quando lancei meu primeiro livro. Quando saiu, abri ao acaso e vi lá no meio: “ela tinha...”. E eu tenho problema com cacofonia. Sou jornalista. Como que passou esse “ela tinha”? E aí eu fiquei com ódio do livro. Para piorar, fiz uma noite de autógrafos e um amigo jornalista chegou e falou assim: “sabe o que eu gostei? É que você não está nem aí para a linguagem, tem até um ‘ela tinha’ lá no meio”. Eu: “é, tem sim”. Porque isso acontece no jornal. Eu fui revisor. É horrível abrir uma página que você revisou e o erro estar

lá, brilhando em neon. “Saudade” com cedilha, cachorro com x, como é que pode? Mas passa, é humanamente regular. Só que tentei escapar disso, claro. O problema de reler seus próprios livros é que você tenta reescrevê-los. Aconteceu comigo. A pedido da Cosac Naify, lancei uma antologia [*Famílias terrivelmente felizes* (2003)] dos meus dois primeiros livros de contos [*As fomes de setembro* (1991) e *Miss Danúbio* (1994)]. Quando fui mexer nos contos, comecei a reescrevê-los. Só que aí pensei que não teria graça se fizesse aquilo. Não seria o escritor lá de 20 anos atrás. Publiquei tal e qual estava, com “ela tinha” e tudo mais. Então só releio quando vou adaptar para o cinema, aí sou obrigado. Mas, por diletantismo, nem a pau. Tenho medo de abrir um livro e achar um “ela tinha” lá no meio.

Caminho literário

O escritor não dá saltos. Ele tem que passar por determinados livros. Precisa escrevê-los, mas não sei quantos são. Não sei quantos livros de verdade deixam um escritor feliz. A gente, para uso público, diz que livro é que nem filho, gostamos de todos igual. Mas é mentira. A gente não gosta de todos por igual. Mas reconheço a importância de cada livro, sei que não chegaria no terceiro se não tivesse feito o primeiro. Não chegaria no quinto se não tivesse feito o terceiro. Não dá para não passar por isso. Tudo é aprendizado.

Histórias na rua

Gosto de ver gente no metrô. É importantíssimo para mim, ouvir conversas alheias, essas coisas bonitas aí. Gosto de ver gente, ir para a rua. Uma sala de espera de um consultório médico é um universo. Dependendo da especialidade do médico, é um universo muito grande. Porque aquela hora da rua é a hora de ver gente, de ouvir, de alimentar um outro tipo de mitologia que não a literária.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Leituras simultâneas

Leio mais de um livro ao mesmo tempo, sempre. A não ser que seja um livro avassalador, daqueles que você tem que ler e não pode se afastar, porque vai perder. Mas é raro. Eu gosto de ter dois, três livros na cabeceira, depende da hora. Mas, claro, você não pode ler, por exemplo, Onetti de uma forma leviana, ele vai exigir de você, porque ele é diabólico. Você não vai ler García Márquez como quem vai ler Onetti. Não vai ler o Cortázar, sei lá, Graciliano, da mesma forma que Machado. Cada escritor demanda um tipo de leitura. Tem escritor que é ciumento.

Método

Escrevo à mão, em cadernos. De todos os meus livros existem manuscritos. Não tenho nenhum livro escrito no computador. A literatura para mim é tão pessoal e intransferível que escrevo em cadernos. Tudo começou porque eu morava numa pensão e não podia bater à máquina de madrugada. Então, escrevia à mão, melhorei minha letra, etc. Mas tem essa coisa de você estar perto do livro, não se desligar emocionalmente dele. Quando se passa muito tempo, o retorno é doloroso. Já perdi livro por causa disso. Perder significa que deixei de concluir um livro que eu tinha pela metade, por ficar muito tempo sem escrevê-lo. Há um problema para quem escreve: eu, por exemplo, não sei nada do que vai acontecer. Vou descobrindo na medida em que escrevo. Há escritores que fazem um plano de trabalho. Eu, se fizer isso, não vou escrever o livro. Por que é que eu vou escrever se já sei o que acontece? Gosto de descobrir, de mergulhar no vazio. Isso implica o fato de que, se o escritor ficar muito tempo longe, as coisas ficam difíceis. Voltar é sempre muito difícil. É uma coisa demorada, tem que reler tudo, se perguntar “o que mesmo eu quero contar aqui?” Isso é um desastre. Tem uma hora que o livro vem até você. Não estou interessado em saber

como é o processo de escrita, por que faz assim e não faz assado, tem gente que diz que baixa o santo e tal, não acredito em nada dessas besteiradas. Eu sou escritor, escrevo. Eu sou jornalista, escrevo. Eu sou roteirista, escrevo. Tenho que sentar diante da mesa e escrever.

Rotina

Claro que há dias em que você tem mais facilidade, o dia está favorável, etc. Têm dias que é mais difícil, você escreve menos. Tenho um amigo que fala: “não saio do computador se eu não escrever trinta linhas”. Eu não. Se eu conseguir escrever duas linhas definitivas, estou feliz. Porque, às vezes, você escreve 50 linhas e depois lê e começa a cortar, cortar... E no final cortou 49. O importante é estar próximo do livro, dar ao livro o tempo que ele pede. É ilusão achar que você pode apressar o processo: “ah, vou terminar rápido porque o editor está pedindo”. Um bom editor jamais aperta um escritor. Até porque não adianta. Eu devo um livro para o meu editor há quatro anos. Ele faz o que pode, às vezes manda uns bilhetes, mas não adianta forçar. Tem uma coisa dentro da literatura que ainda é artesanal. Volto a dizer: estou falando da minha experiência e de alguns escritores que conheço. Tem escritor que faz diferente. Eu acho difícil escrever. Imaginei que com o tempo fosse ficar mais fácil, mas é o contrário. Você fica mais exigente, fica mais difícil se contentar. É infernal a literatura. A tendência do escritor é realmente parar de escrever. Chega um momento em que ele fala: “não dá mais, já escrevi o que tinha que escrever”. Também tem que saber parar. Temos uns amigos aí que não souberam parar, mas é um direito.

Leituras marcantes em 2011

Foram releituras. *Herzog* é um lançamento, embora já existisse por aqui em outra tradução. É um livro ex-

cepcional. Quem diz isso é o Phillip Roth, num prefácio: “Saul Bellow é o maior escritor americano de todos os tempos”. Se ele diz isso, quem sou eu para dizer que não. Também li um livro muito interessante, do David Lebedoff, em que ele junta as biografias do George Orwell e do Evelyn Waugh. O livro se chama *O mesmo homem — no amor e na guerra* e mostra que os dois tiveram biografias absolutamente semelhantes, embora fossem duas pessoas completamente antípodas. Mas ele mostra que não, que andaram pelos mesmos caminhos, é um livro incrível.

Cinema

Sou um cara que aguenta filme cabeça, filme encrencado que tem sete horas de duração. Se o cara não insultar minha inteligência, tudo bem, mas se tiver uma coisinha que caia de repente, eu saio. Não deixava livro sem terminar e jamais saía de cinema antes de acabar. Hoje eu saio. Outro dia estava no júri de um festival e uma hora o filme me encheu tanto o saco, era tão agressivamente ruim, que resolvi sair. O diretor estava presente e me disse: “se você sair agora vai perder a melhor parte”. Aí fiquei, assistimos à melhor parte e eu lhe disse: “você está enganado”. E saí. Também não vou ver cinema de entretenimento. Acho que as pessoas vão hoje ao cinema para usar mais o estômago do que o cérebro. Acho horrível a pessoa comer no cinema. As pessoas entram com verdadeiros jantares nas salas de cinema.

Resenhas em jornais

Eu não sou crítico, não tenho substrato para falar. Até porque as resenhas que faço têm 15 linhas. Em 15 linhas, se o nome do autor for muito comprido, você já gasta a metade. Então não me arvore na ideia de que sou crítico. Acho que a resenha cumpre bem o seu papel se disser que o livro saiu, se der uma palhinha do que



“ A gente, para uso público, diz que livro é que nem filho, gostamos de todos igual. Mas é mentira. A gente não gosta de todos por igual.”



“ Há escritores que fazem um plano de trabalho. Eu, se fizer isso, não vou escrever o livro. Por que é que eu vou escrever se já sei o que acontece? Gosto de descobrir, de mergulhar no vazio.”

se trata e, se puder, trazer a opinião de quem escreve. Essa história de aprofundar e tal, não existe mais espaço no jornal para isso, talvez só na internet. Tem que virar a chave. Evito fazer crítica de cinema também, especialmente de cinema brasileiro, porque conheço todo mundo. E os caras não aceitam crítica. Diretor não gosta de crítica. Não faço para evitar problemas. Prefiro trabalhar com os clássicos. É muito mais confortável. Cinema que eu já conheço, é uma oportunidade de rever.

Escrever para o cinema

Nunca penso em cinema quando vou escrever. Sou escritor puro-sangue. Sempre falo que, no dia do juízo final, espero estar na fila dos escritores. Porque quando tenho uma ideia, penso logo: “isso dá um conto, um romance ou uma novela”. Nunca penso “isso dá um roteiro”. Tem um único caso na minha vida que peguei um livro e pensei: “dá um puta filme”. Que é *O cheiro do ralo*. Costumo ouvir sempre que determinado livro é “cinematográfico”. Eu penso: “todo livro é cinematográfico”. Porque, quando se está lendo, você vê os personagens e situações. Livro é livro, fico feliz com isso. Só começo a pensar naquilo como um produto audiovisual quando um diretor diz para adaptarmos. Aí, seja meu livro ou de outro, tenho que fazer uma mirada muito diferente. Tenho que ler ou reler o livro já entendendo como que a gente vai transpor aquilo para essa outra linguagem. Nunca tive essa ideia de sair do cinema dizendo “o livro era melhor”. O livro é sempre melhor. O livro é outra coisa, não dá para comparar o livro ao filme. Eu acho engraçado que em peças de teatro ninguém fala isso. O cara adapta uma peça de teatro e ninguém fala “a peça era melhor”. Mas o livro, todo mundo diz que era melhor. Acho que o grande cinema, quando parte de uma matriz literária, deve estabelecer um diálogo com o livro, propor

algo a partir desse livro.

Ensino da literatura

Acho errado o modelo que as escolas adotam para formar leitores: dar o livro e aplicar prova. O cara vai odiar Machado de Assis, Graciliano Ramos, todo mundo. Até Marçal Aquino. Um dia minha filha me mostrou na internet uma menina comentando: “Marçal Aquino? Um corno”. Como assim, um corno? Aí, fui ler qual era o assunto. A professora deu meu livro na sexta-feira e na segunda-feira aplicou prova sobre o livro. Ela passou o fim de semana tendo que ler meu livro. E odiou. Então, o livro tem que dar prazer. Dizem: “o livro é difícil”. Difícil para quem, cara pálida? Se o livro exige que você se esforce um pouco mais do que está habituado, ele é valoroso. Ele está chamando você para cima, não para baixo. Quem gosta de ler, pega um livro e tem um genuíno prazer. É esse o momento da literatura. O resto é conversa mole.

Parceria com Beto Brant

Eu não queria nada com o cinema. Achava que em matéria de atividade economicamente inviável já bastava a literatura. E aí o cinema veio até mim. Existe um diretor em São Paulo, o Beto Brant, que leu um livro meu [*As fomes de setembro*] e resolveu adaptar um conto. Como a editora não tinha os direitos, ele teve que vir a mim. Saímos beber e ficamos a noite toda falando de cinema. Ele ficou abismado ao saber que eu tinha visto muito mais filme do que ele. Então ele disse que eu era um cara do cinema. Eu falei que não, que só gostava de cinema. Ele acabou não fazendo o filme sobre meu conto. Mas quando foi fazer seu primeiro longa, que é *Os matadores*, fui chamado. Eu estava escrevendo um romance e precisei parar para fazer outras coisas, desandou, que nem maionese. Não consegui retomar. O Beto chamou dois roteiristas para fazer *Os matadores*, o

Fernando Bonassi e o Vitor Navas. Durante um ano e meio eles trabalharam no roteiro, sem satisfazer o Beto. Um dia eu brinquei com ele: “sabe o que falta nesse roteiro? Isso, isso e aquilo”, que era o que eu teria posto no meu livro se tivesse ido até o fim. Ele concordou e me chamou para dar um tapa no roteiro. O tapa foram 70 dias escrevendo e uma viagem ao Paraguai. A partir daí estabelecemos uma relação profissional.

Roteiro

Eu não sou roteirista. Roteiro não tem nada de literário. Não é preciso figuras de estilo. Um bom roteiro é informativo, diz o que acontece e o que se fala. O plano das intenções pode ou não estar no roteiro. Então, eu virei roteirista porque era a coisa mais óbvia do mundo. Eu já contava histórias no jornalismo e na literatura. Ir para o roteiro foi uma coisa que me pareceu natural. Aí, fiz *Os matadores*, *Ação entre amigos*, *O invasor*, *Cão sem dono*, *Crime delicado*, *O cheiro do ralo* e *Nina*. No *Cabeça a prêmio* dei uma mão para o Marco Ricca, mas pequena. Hoje, escrevo roteiro profissionalmente para a televisão, com a séria *Força tarefa*. Agora, é uma atividade como outra qualquer. É uma maneira de contar histórias, não tem nenhum segredo. Não acredito na ideia de que o roteiro tem que ter figura de estilo. Acho que o cara que compra roteiro é meio tarado, porque não é possível, o roteiro é só a receita do bolo, não é o bolo. É necessário que ele exista, sem roteiro dificilmente você vai conseguir fazer algo razoavelmente bom, mas, uma vez feito o filme, o roteiro deixa de ter razão. Ele não é um texto teatral, que pode oferecer várias leituras. O roteiro, quando é bem filmado, é filmado uma vez só. Para mim, é supernoatural fazer roteiro. Tem lá as dificuldades, você é obrigado a apertar a tecla sap. Quando escrevo literatura, não estou preocupado com o meu leitor. Eu tento ser o mais claro possível, mas se o leitor

não me entender, o problema é dele, não meu. É o poema do Drummond: “não é o meu verso que é ruim, é o seu ouvido que entortou”. No cinema, não. Primeiro, dezenas de pessoas vão depender daquele material para fazer o trabalho delas. O maquiador precisa do roteiro, o iluminador, o fotógrafo, o diretor, etc. Então, tem uma responsabilidade muito grande.

Diálogos

O Nelson Rodrigues, maior dialoguista da literatura brasileira, dizia que o grande defeito do escritor brasileiro é que ele toma muito pouco cafezinho. Ou seja, é preciso ir ao bar e prestar atenção no outro. Estou sempre prestando atenção no outro. Morei num apartamento que era uma festa. A mulher que morava imediatamente acima do meu apartamento usava telefones sem fio. Então eu tirava o meu do gancho e ouvia ela conversando com as filhas. Comecei a montar uma história, porque ela falava mal de uma filha para outra. Comecei a ficar interessadíssimo nessa história. Eu não contava para ninguém, obviamente, porque isso é muito feio. Um dia o Naum Alves de Souza disse: “sabe de onde nascem as peças? Da rua, das pessoas”. Claro. Como você vai escrever sobre pessoas se você não sabe como elas falam, ou como elas pensam? Que diabo é isso. Uma frase ouvida na rua, ao acaso, pode fazer com que eu vá para casa, sente e escreva um conto. ■

Próximos convidados do projeto “Um Escritor na Biblioteca”:

- LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA 24/11
- MILTON HATOUM 6/12

Sempre às 19 horas. Entrada franca.

Dos dois lados do balcão

Escritor e crítico, Sérgio Rodrigues fala sobre a democratização da “conversa” literária na internet, onde se tornou referência com seu *blog Todoprosa*

GUILHERME SOBOTA

Se a internet não criou uma nova forma de se fazer literatura, como se apregoava no início dos anos 2000, ela tem sido um importante canal de discussão sobre assuntos que os cadernos de cultura, com suas páginas cada vez mais enxutas, não conseguem mais dar conta. “A conversa literária, a troca de informações, o ambiente de recepção de livros, tudo isso também vai passando por mudanças muito excitantes, com o meio digital ocupando cheio de entusiasmo os espaços que a imprensa tradicional e a crítica universitária vão deixando vagos”, diz Sérgio Rodrigues, que com seu *blog Todoprosa* se tornou uma referência literária na internet.

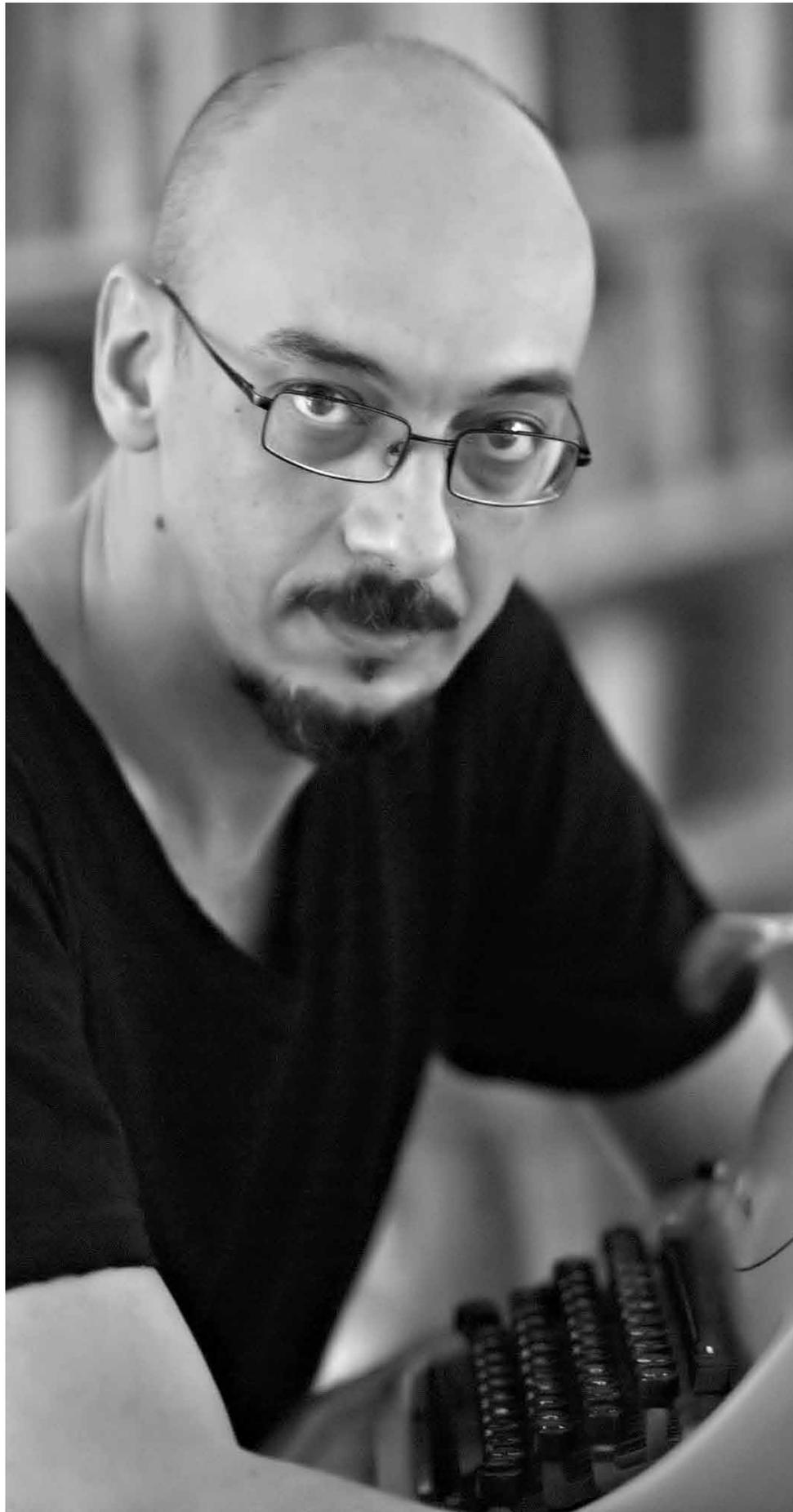
Apesar de seu trabalho na rede, Rodrigues tem uma sólida carreira na grande imprensa, iniciada como repórter da *Folha de S. Paulo*, no Rio de Janeiro. Já no *Jornal do Brasil*, aos 25 anos, foi enviado pela editoria de esportes a Londres para cobrir o circuito da Fórmula 1. Trabalhou ainda no jornal *O*

Globo, na revista *Veja* e na *TV Globo*. No começo dos anos 2000 ajudou a criar o periódico esportivo *Lance!*.

Em 2000 fez sua estreia na literatura com *O homem que matou o escritor*, um elogiado livro de contos. De lá para cá foram cinco livros, entre romances e coletâneas de contos, escritos paralelamente ao trabalho crítico no *Todoprosa*. Apesar de rechaçar a alcunha de “crítico literário” (“Em termos de autodefinição, fico satisfeito com essas três palavras: leitor, escritor e jornalista.”), Rodrigues diz que não se pode confundir “crítica literária” com “crítica de rodapé”, os textos publicados nos antigos suplementos literários. “Qualquer texto, seja jornalístico, acadêmico, ensaístico, blogueiro ou o que for, que dê uma contribuição inteligente, bem informada e original à leitura de uma obra literária, é um texto de crítica literária”, diz.

Na entrevista a seguir, o escritor ainda fala sobre um possível esgotamento da narrativa. “Não acho que tudo já tenha sido escrito ou experimentado. As recombinações vão sempre tender

Maria Mendes



ao infinito”. Rodrigues também revela como um leitor profissional organiza suas leituras, que, no seu caso “têm a ver com uma mistura de obrigação, planejamento, impulso e prazer”.

Você é um jornalista formado na imprensa tradicional, de papel, que está agora na internet. No começo dos anos 2000, surgiu uma discussão acerca de uma possível “literatura feita na internet”. Uma década depois, qual a influência da internet em nossa literatura contemporânea?

Uma influência muito pequena, quase inexistente, se pensarmos na literatura em si, forma e conteúdo. A influência da internet só aparece com força no aspecto da divulgação, da circulação, da facilidade de publicar. Essa curiosa explosão que estamos vendo no número de escritores, aspirantes e simpatizantes tem tudo a ver com isso, a meu ver. A conversa literária, a troca de informações, o ambiente de recepção de livros, tudo isso também vai passando por mudanças muito excitantes, com o meio digital ocupando cheio de entusiasmo os espaços que a imprensa tradicional e a crítica universitária vão deixando vagos. Mas a ideia, muito presente dez anos atrás, de que a internet daria origem imediata a uma literatura dramaticamente nova era ingênua ou oportunista. Revoluções profundas desse tipo nunca têm a velocidade do *marketing*.

Nos contos de *O homem que matou o escritor*, as histórias enveredam por vários gêneros. Depois de Kafka, Joyce e Guimarães Rosa, ainda há espaço para experimentar? A percepção de que tudo já foi escrito na literatura chega a lhe angustiar na hora de escrever?

O escritor que amaldiçoa a tradição é como o pescador que amaldiçoa o mar. Está certo que a tradição representa um desafio, que é imensa e perigosa, que pode te engolir, mas sem ela você não

existiria, então convém manter as coisas em perspectiva. O maior risco da tradição é você, por ignorância, achar que está sendo revolucionário quando repete um achado dos vanguardistas de 1870. Por isso, quem pensa que pode escrever sem ter lido nada já perdeu o jogo antes de começar. Mas não, não acho que tudo já tenha sido escrito ou experimentado. As recombinações vão sempre tender ao infinito.

O escritor José Castello escreveu texto recentemente afirmando que a crítica literária é um fenômeno do século XX. Se não há mais crítica, o que há então? Como você definiria seu trabalho no site da *Veja*?

Me parece que esse é um juízo bastante estreito. Não se pode reduzir a crítica literária à “crítica de rodapé”. Esta é um fenômeno do século XX, certo, e tem tanto a ver com a história da literatura quanto com a história do jornalismo — mais até com esta, imagino. Mas a crítica literária existia antes disso e continuou a existir depois. Qualquer texto, seja jornalístico, acadêmico, ensaístico, blogueiro ou o que for, que dê uma contribuição inteligente, bem informada e original à leitura de uma obra literária, é um texto de crítica literária. Os espaços institucionais da crítica passam por um momento de crise: encolhem na imprensa tradicional, fecham-se numa algaravia autista em grande parte da universidade. Em compensação, uma multidão de vozes espontâneas se levanta na grande Babel digital, e algumas delas são ótimas. Quanto a mim, de vez em quando publico no *Todo prosa* textos que podem ser catalogados como crítica, sem dúvida. Se não me intitulo “crítico literário”, embora algumas pessoas me chamem assim, é porque não é esse o foco do meu trabalho. O *Todo prosa* é um blog de leitor, um leitor que é também escritor e jornalista. Em termos de autodefinição, fico satisfeito com essas três pala-

avras: leitor, escritor e jornalista.

Assim como os livros do escritor espanhol Enrique Vila-Matas, sua ficção se alimenta, em grande parte, de temas relacionados ao universo da escrita, dos escritores e da leitura. Isso não pode tornar a literatura ainda mais restrita a um círculo de iniciados?

Gosto muito do Vila-Matas, mas não vejo esse parentesco. Até me aproximo disso pelo lado do humor nos textos curtos que comecei a publicar no *blog* com o nome de *Sobrescritos* e que depois foram lançados em livro. Nos *Sobrescritos*, os personagens são todos ligados a uma versão satírica e meio absurda da nossa vida literária, mas no restante da minha ficção a metalinguagem é só uma entre outras linhas de força, tem mais a ver com a estrutura do que com o tema. Trata-se de uma obsessão ou limitação minha: a de considerar *naïf* qualquer texto que, a esta altura do campeonato, não traga em si a consciência de ser texto. Quem narra? Por que narra? Não acho que dê para fugir dessas perguntas. Mas a ideia da literatura como linguagem cifrada ou maçonaria não me agrada nem um pouco. Procuo escrever para fora e não para dentro.

Você trabalhou em diversas áreas de grandes veículos da imprensa, como esporte, por exemplo. Como foi sua trajetória até chegar à literatura. Quando enveredou para a área e decidiu que iria ser escritor? Ou foi algo que simplesmente “aconteceu”?

Não foi assim que as coisas se passaram. Não “cheguei” à literatura, já estava lá desde o início. Decidi que seria escritor aos 14 anos, quando comecei a escrever contos com uma disciplina que gostaria muito de conseguir reproduzir hoje em dia. Eram os anos 1970, época do tal “boom do conto”, e andei ganhando alguns concursos de província pelo país afora com meus primeiros escritos. Pen-

sei: estou no caminho certo. O jornalismo surgiu então como uma forma de me aproximar daquela meta, um modo de garantir o ganha-pão enquanto a literatura não me cobrisse de glória e riquezas, como àquela altura eu tinha certeza que acabaria acontecendo. Era para o jornalismo ter sido um mandato-tampão, mas deu tão certo que me desviou por um tempo do caminho. Comecei pelo jornalismo esportivo e aos 25 anos estava morando em Londres, responsável pela cobertura de Fórmula 1 do *Jornal do Brasil*, enviando matérias para todas as seções do jornal, da política à cultura. Viajei o mundo inteiro. Depois, de volta ao Brasil, fui chefe de reportagem, editor, chefe de redação, colunista. Quem já esteve lá, sabe que o jornalismo pode ser a profissão mais absorvente do mundo. Só em 2000, aos 38 anos, retomei o fio e publiquei meu primeiro livro de ficção. Mas não tenho de modo algum a sensação de que perdi tempo. *O homem que matou o escritor* é um livro muito melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter publicado aos vinte e poucos anos.

Quais são as leituras fundamentais e básicas (teóricas ou não) para quem quer se iniciar na vida de “leitor profissional”?

Não sei se existe tal coisa. Profissional ou não, um leitor tem que fazer o seu recorte pessoal no universo quase infinito dos livros. Nem sempre a leitura mais constitutiva é a mais óbvia. No meu caso, por exemplo, para falar de crítica, Roland Barthes foi apaixonante durante um tempo, mas não saberia dizer se a leitura dele foi mais ou menos influente do que a leitura disciplinada que fiz na mesma época de *O Capital*, de Karl Marx. Outro exemplo: Antonio Candido é obrigatório e Roberto Schwarz falando de Machado é, a meu ver, brilhante, mas nenhum deles ficou impresso na minha memória com a nitidez dos eruditos inventados de Borges. Não existe receita. O importante é

ENTREVISTA | SÉRGIO RODRIGUES

ler muito, sem preconceitos, para ir formando aos poucos uma visão própria.

Na Oficina de Leitura da BPP, você disse que a literatura de “interface”, aquela que se relaciona ou trata com a história, com a mitologia e com o jornalismo, por exemplo, pode ser um caminho importante para a literatura contemporânea. Que exemplos recentes podem ilustrar esse comentário?

A linguagem da ficção nunca foi pura, e as zonas de fronteira são sempre excitantes, mas talvez a narrativa esteja se beneficiando um pouco mais dessa mestiçagem nos últimos tempos. Basta pensar em Sebald, Julian Barnes, Vila-Matas, Javier Cercas... Alguns críticos têm batido na tecla de um suposto esgotamento da narrativa. Uma das coisas que me fazem duvidar da possibilidade desse esgotamento é o fato de as fronteiras serem todas abertas.

Seu romance mais recente, *Elza, a garota*, de 2009, trata de uma história real, mas romanceada. Romances históricos têm uma trajetória bem delineada na literatura brasileira contemporânea. Acha que a literatura pode falar da nossa História de uma forma mais atraente do que os próprios livros de História?

Mais atraente, sem dúvida, porque o público potencial de um romance histórico — ou de um livro jornalístico de divulgação da história, como os de Laurentino Gomes — é muito maior do que o de livros de historiadores. Histórico ou não, um bom romance vai sempre chegar mais perto de reconstituir a pulsação de vida de determinada época do que qualquer trabalho acadêmico, que tem méritos de outra ordem. Existe uma demanda dos leitores nesse sentido, uma fome que eu diria ser de aprendizado mesmo, e que parece ter a ver com o fracasso do ensino brasileiro em prover um quadro razoável de referên-

cias históricas. *Elza, a garota* é o meu livro mais vendido, e não tenho dúvida de que o fato de se basear em fatos históricos tem a ver com isso. Mas a presença do romance histórico em nossa literatura é tradicionalmente modesta. Nos últimos anos saíram alguns, mas acho prematuro falar numa tendência.

Esta edição do Cândido discute os caminhos do conto. A publicação de contistas no Brasil é cada dia mais esparsa. Os contistas “puro-sangue”, que não migraram para o romance após uma coletânea de histórias curtas, estão sumindo?

Duvido muito que estejam. Uma coisa é a resistência das editoras ao conto, que obedece a uma lógica de mercado, e outra é o potencial artístico do gênero em si, que a meu ver continua instigante como nunca. Um conto extraordinário vai sempre valer mais do que

dez romances medianos, por mais que o mercado não funcione assim. A pressão para transformar contistas em romancistas é grande: “ah, aumenta essa história aí, enfia umas subtramas, uns personagens secundários...”. É preciso caráter para resistir a isso, mas um escritor de verdade sabe que cada história dita seu próprio tamanho. Um conto esticado à força nunca será um bom romance.

Na vida de um leitor profissional, as leituras de “lazer” certamente se confundem com as “profissionais”. Mas existe uma pilha de livros queridos à espera de leitura na sua cabeceira? Poderia citar alguns?

Não posso dizer que organize minhas leituras. As decisões sobre quais livros vou ler, e em que ordem, têm a ver com uma mistura de obrigação, planejamento, impulso e acaso que no fim das contas está mais para caos do que para organização. Começo a ler com grande interesse livros que abandono após algumas páginas sem dor na consciência, outros eu folheio despreziosamente e acabo fígado. Hoje a pilha na mesinha de cabeceira — mesinha metafórica, porque a pilha não caberia ali — inclui *The sense of an ending*, de Julian Barnes, *Alvo noturno*, do Ricardo Piglia, e um manuscrito ainda inédito do Fernando Molica chamado *O inventário de Julio Reis*.

Dos clássicos, o que deveria ter lido e ainda não leu?

Um monte deles. A lacuna que mais tem me incomodado, e que estou só esperando uma hepatite para corrigir, é Proust. Li apenas *No caminho de Swann*, o primeiro livro de *Em busca do tempo perdido*.

Nosso mercado editorial nunca esteve tão aquecido. Hoje há uma “vida literária” que permite aos escritores viver da literatura e de seus derivados — palestras, oficinas, etc. Por outro lado, continuamos presos aos três mil exemplares,

a tiragem padrão dos livros de ficção que as editoras não conseguem esgotar. Como explicar essa contradição?

Acho que não existe uma explicação simples. O processo de profissionalização da indústria editorial tem se acelerado, o livro como mercadoria nunca teve tanto peso no Brasil, mas os pontos de contato desse fenômeno com a ficção nacional são escassos. Por outro lado, existe a explosão digital que mencionei ali atrás. Palestras e oficinas estão em alta porque a facilidade de publicar na internet e mesmo no papel, com as novas tecnologias, levou a um aumento exponencial no número de pessoas que querem escrever. Mas talvez, em boa parte dos casos, esses aspirantes não compareçam com a necessária contrapartida da leitura, quem sabe sejam movidos mais por um desejo pessoal de expressão e projeção do que por um compromisso real com a literatura, que não é brinquedo. De toda forma, acho que o quadro atual é promissor. Confuso e contraditório, como você disse, mas de grande potencial.

Depois de muita discussão, as oficinas literárias se espalharam e se firmaram no país. Você ministrou uma oficina de criação na Biblioteca Pública do Paraná. Que tipo de benefício esses encontros podem trazer a quem pretende escrever ficção?

Oficinas podem ser boas ou ruins, dependendo das pessoas envolvidas — e não me refiro só a quem as ministra, mas também a quem delas participa. Quando funcionam, são espaços de discussão e convivência que podem ser muito úteis a quem escreve, como um contraponto à solidão inevitável da escrita. Mas o que eu acho mais positivo é a disseminação de uma ideia subjacente a toda oficina: a da criação literária como trabalho, processo, esforço, aprendizado. É uma ideia meio subversiva na cultura brasileira, que sempre foi mais inclinada a confiar na inspiração pura. ■



Paraná define ações de incentivo à leitura

Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura reúne políticas públicas que visam a democratização do acesso ao livro e a valorização da leitura

FELIPE KRYMINICE

Paraná acaba de lançar seu Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), que define os rumos das políticas públicas na difusão da leitura no Estado. Com isso, Paraná e Mato Grosso do Sul são os dois primeiros Estados brasileiros a concluir seus Planos.

O Plano Estadual do Livro começou a ser elaborado em 2010 pelas Secretarias de Estado da Cultura e da Educação. O governo atual retomou o Plano, dando continuidade à proposta e acrescentando algumas diretrizes para a política estadual do livro e leitura nos 399 municípios paranaenses.

Foram realizadas três audiências públicas para apresentar a minuta do Plano, sendo duas no interior do Estado — em Foz do Iguaçu e Maringá — e uma em Curitiba. A elaboração do PELLL contou com uma comissão de especialistas e técnicos do governo.

“O objetivo do Plano é transformar o Paraná em um Estado de leitores, desenvolvendo, para isso, diversas ações que visam democratizar o acesso ao livro, fomentar e valorizar a leitura e incentivar a produção literária paranaense, dinamizando a cadeia produtiva do livro”, diz Paulino Viapiana, secretário estadual da Cultura.

O PELLL, portanto, tem como meta reunir, organizar e garantir a continuidade dessas ações ao longo dos próximos anos. “Após o lançamento do Plano, precisamos de ações

Kraw Penas



Paulino Viapiana (ao centro), secretário estadual da Cultura, lança o Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL) na BPP.

concretas. Por isso é importante a participação da sociedade, que já se manifestou de forma participativa nas audiências públicas e tem demonstrado grande interesse nas propostas do projeto”, diz Viapiana.

Seguindo as orientações do Plano Nacional do Livro e Leitura, o PELLL paranaense é orientado por quatro eixos principais: democratização do acesso ao livro, fomento à leitura e à formação de mediadores, valorização da leitura e comunicação e desenvolvimento da economia do livro.

Segundo o diretor da Biblioteca Pública do Paraná e coordenador do PELLL, Rogério Pereira, há uma preocupação em “descentralizar” a cultura do Paraná por meio do Plano. “Claro que os grandes centros, como Curitiba, Londrina e Maringá continuarão sendo assis-

dos, mas precisamos colocar em prática ações no interior. E isso começará já em 2012, com projetos que vão fortalecer o livro e a leitura em todo o Estado.”

A próxima etapa no desenvolvimento do projeto é apresentá-lo à Assembleia Legislativa, para transformá-lo em lei estadual. “É do nosso interesse que as próximas gestões tenham a mesma preocupação em difundir a leitura no Paraná. Esperamos que até o primeiro semestre do ano que vem o PELLL se torne uma lei”, explica Pereira.

Uma das novidades inseridas no Plano é o Prêmio Paraná de Literatura, cuja primeira edição será lançada em 2012. Serão três categorias: romance, conto e poesia. “Além do prêmio, será prioridade o fortalecimento das bibliotecas e a formação de mediadores de leitura”, diz Pereira.

Retratos da leitura no Paraná

A pesquisa Retratos da Leitura no Paraná, realizada em 2010 pela Paraná Pesquisas, em parceria com a *Gazeta do Povo*, a Posigraf e o ex-deputado federal Marcelo Almeida, constatou que o Paraná tem índice de 8,53 livros por habitante/ano, incluindo obras didáticas e não didáticas. Portanto, o dobro da média apresentada na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que revela que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano.

A pesquisa entrevistou 2 mil pessoas em todas as regiões do Estado e apresentou um panorama sobre pontos relacionados à leitura, como a motivação dos leitores, o acesso aos livros e as preferências literárias da população. Segundo a pesquisa, 62,3% dos entrevistados leram pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. ■

A liberdade na arte

Organizadora da poesia de Júlia da Costa, a professora Zahidé Lupinacci Muzart escreve sobre a vida e a obra da autora parananense, uma das mais interessantes e ousadas poetisas do século XIX, que morreu há cem anos

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

Leitora e personagem, assim é retratada, no Brasil, a mulher no século XIX. Entretanto, também existiram muitas escritoras, e, se algumas o foram de um livro só, houve outras que se dedicaram ao ofício das letras como ideal de vida. Dentre essas, salienta-se a poetisa Júlia Maria da Costa (1844-1911), que publicou dois livros entre 1867 e 1868 e colaborou com muitos periódicos do Paraná e de Santa Catarina.

A publicação de *Poesia* — que reúne as obras completas de Júlia Maria da Costa — pela Imprensa Oficial do Paraná, em 2002, teve uma ótima repercussão. Além de suscitar artigos de jovens pesquisadores em congressos, Júlia da Costa foi uma das autoras escolhidas por Adriana Lunardi para participar de um capítulo do romance *Vésperas*. Este livro é uma homenagem a grandes escritoras, agora personagens e todas retratadas em extrema solidão. E, em 2008, foi publicado o romance *Júlia*, de Roberto Gomes, que conta a história da poeta na ilha de São Francisco, onde viveu toda a sua vida.

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá, no Paraná, em 1º de julho de 1844. Era filha de Alexandre José da Costa, também de Paranaguá, e de Maria Machado da Costa, natural de São Francisco do Sul, Santa Catarina. Depois do falecimento do marido, Maria da Costa e a filha Júlia — na época com apenas dez anos —, passaram a residir em São Francisco do Sul. Por ter morado toda a vida nessa bela ilha e tendo ali

falecido em dois de julho de 1911, Júlia da Costa também é incluída entre os escritores catarinenses.

Júlia foi uma figura controversa. Há artigos e estudos que a retratam de diversas maneiras, às vezes contraditórias. Os melhores estudos sobre a poetisa são de Rosy Pinheiro Lima, que estabelece a biografia de Júlia da Costa a partir de várias cartas — ao todo quarenta e quatro —, e o livro do historiador Carlos da Costa Pereira, onde, além de desfazer equívocos sobre a vida conjugal da poetisa, casada com o Comendador Costa Pereira, reúne um bom número de poemas publicados em periódicos.

Lendo as cartas da poeta à família e, sobretudo, as de amor, vemos delinear-se uma personalidade muito interessante: forte, decidida, às vezes audaciosa. Mas, antes de mais nada, uma mulher que se antecipou à sua época e que, por isso, sofreu muito.

Nascida em um tempo cheio de preconceitos e tabus, e vivendo em uma cidade muito pequena, seu espírito ansioso de liberdade evade-se no sonho, na poesia e nas cartas.

Casada por conveniência e imposição familiar com um homem rico, mas trinta anos mais velho, Júlia da Costa leva para o casamento a desilusão de um afeto não concretizado pelo poeta Benjamin Carvoliva. Todo este namoro foi pontilhado de poemas e de cartas quase diárias. E em todas, Júlia da Costa anima o poeta que, como bom romântico, padecia de melancolias e tristezas sem fim pelo desprezo do mundo...



Ao Trovador

Quando murmura em silêncio
A onda na praia nua,
Por que, ó bardo, tristonho
Lamentas a sina tua?

Quem te disse que a florinha
Cheia de viço e de amor
Cismando no ameno vale
Não sorria ao trovador?

Em uma das cartas, ela lhe afirma que “um poeta é nada para o homem sem prestígio, para a jovem sem cultura, para esse povo rude que encara tudo pelo lado do interesse, e que só tem em si uma ideia: Ouro! Enriquecer para deslumbrar o mundo com suas riquezas. Para estes, o poeta é nada, mas, para aquele que encara a vida pelo lado espiritual, para aqueles, o poeta é tudo.”

Vemos, a cada linha, a generosidade e a paixão da escritora. Mas o poeta, cheio de hesitações e dúvidas, foge de um compromisso mais sério (exigido pela mãe da poetisa), indo-se de São Francisco. O rapaz estaria destinado para o sacerdócio e esse seria o grande impedimento para o casamento, mas a diferença de idade entre os dois — Júlia era cinco anos mais velha que ele —, parece-me a mais forte razão para o seu recuo.

Depois de quatro anos de casamento infeliz, e com a volta de Carvoliva à cidade, reinicia-se a apaixonada correspondência diária entre os dois, as cartas sendo colocadas em esconderijos diversos, tais como o oco de uma velha árvore. É Júlia da Costa quem, com rara audácia, pois, esposa de um comendador, chefe do Partido Conservador de uma cidadezinha como São Francisco do Sul, sugere ao poeta a fuga e a vida em comum. E, mais uma vez, é o poeta quem foge, com medo da opinião pública.

“Se Deus demorar a realização do nosso sonho, então pisarei em todos os preconceitos da sociedade e serei tua, embora no centro das florestas, longe do mundo, longe de tudo que possa lançar-me em rosto o excesso da minha paixão”, escreve Júlia em uma das cartas.

À proposta generosa da poetisa, não houve resposta. Novamente, Carvoliva optara pela fuga. A partir daí, os poemas de Júlia da Costa se tornam cada vez mais desesperançados, cada vez mais melancólicos.

Segundo Rosy Pinheiro Lima, essa última desilusão mudou Júlia da Costa. A poeta passou a escrever febrilmente e a frequentar mais e mais serões e festas. Também muda a cor dos cabelos, agora negros, em uma época em que somente meretrizes e artistas o faziam, começa a pintar o rosto e a usar muitas joias, a receber muitas pessoas em seu casarão e a se tornar uma lenda na pequena cidade que muito se orgulhava de sua poetisa... A partir daí, a nova mulher Júlia da Costa vai levar uma vida febricitante: festas, campanhas políticas, publicações inúmeras em jornais e revistas, etc. Porém, com o falecimento do comendador, sua vida muda totalmente e a solidão se torna cada vez maior, pois seu marido a habituara a receber muitas figuras de proa da sociedade catarinense e da política. Viúva, a poetisa vai ficando cada vez mais expurgada da vida de festas. Fechando-se em casa, acredita-se perseguida pelos seus concidadãos, vendo o riso e o escárnio em cada um que a olhava. Nessa velhice solitária, Júlia da Costa enlouquece e se fecha no casarão por oito anos, dele só saindo para o cemitério.

Dentro de casa, servida por duas fiéis empregadas, Júlia planejou escrever um romance. Para isso, fez grandes painéis com papel de seda de diversas cores. Esses painéis representariam cenas, personagens, paisagens de romance, tapeçarias intermináveis como as das da-

mas de antanho. Se o romance foi realmente escrito, não o sabemos. Talvez, somente na imaginação da escritora e nas cores dos curiosos painéis que ornaram as paredes do salão de sua casa. Estranhamente, não os realizou com cores sombrias, mas alegres — as cores da fantasia de uma mulher enlouquecida pela solidão e aridez do meio em que viveu. Segundo Rosy Pinheiro Lima, quando ela morreu, “do salão retiraram-se as velhas esteiras e a cadeira de embalo. Armou-se o caixão no centro e era fantástico o aspecto daquela sala sombria, com os velhos retratos nas paredes, vizinhando com o colorido violento dos painéis que as recobriam por completo, a multidão de flores de papel de seda, numa empoeirada desordem que ninguém ousou destruir.”

A vida de Júlia Maria da Costa tem feição cinematográfica. Não obedece aos padrões vigentes para a mulher brasileira do século XIX. Inteligente e independente, sucumbe somente ao amor-paixão pelo poeta Benjamin Carvoliva. Essa paixão e o abandono se tornam a marca da poesia de Júlia da Costa. Em seus poemas, verdadeiros lamentos,

Amélia

Quando no centro dos bosques
A rolinha pipilar,
Uma saudade me manda
Nas ondas do alto mar.

Nas ondas do alto mar
Quando a noite for formosa,
Me manda de teu piano
Uma nota harmoniosa.

Uma nota harmoniosa
Que defina o teu sentir;
Que me traga uma saudade,
Que me mostre o teu sorrir.

busca a razão e o consolo para uma vida tão cheia de solidão. Não tinha outro horizonte além do branco da folha de papel à sua frente ou o branco do teclado do piano, duas atividades de artista, entre as quais se moveu essa alva figura, sempre vestida de branco. Escreve e toca. Toca e escreve, recusando as outras atividades de cunho doméstico, destinadas às suas irmãs, essas mulheres de uma época de opressão e segredos desejos.

Enlouquece, ao final de sua vida, permanecendo enclausurada, numa paranoia de perseguição, até a benfazeja morte.

Os temas da poesia de Júlia da Costa são sempre os da ausência e da perda, da dor de viver, da angústia ou do desejo da morte, da falta de esperança e da solidão como se lê no poema “Página solta”: “Queres saber quem eu sou? Meu nome queres saber?/ Eu sou a sombra dourada, de um tempo que já lá foi./ Sou o fantasma de um sonho/ Que em tua mente pousou; Sou uma folha sem nome/ Que o vento forte mirrou...”

Todos esses temas do Romantismo encontraram em Júlia da Costa uma boa intérprete, mas pode-se vê-los também como manifestação da angústia de um espírito superior acorrentado à mesquinhez de um meio provinciano. Os críticos acham Júlia da Costa mística. No entanto, o sentimento maior que nos transmite sua poesia é o de desejos carnavais não realizados, o de uma sensualidade insatisfeita. Tudo isso deve ser lido nas entrelinhas, de acordo com sua época e sua condição. Mas mesmo no que há de promessa em sua poesia, na procura do cantante, do singelo, do cotidiano, foi ela uma das mais interessantes poetisas do século XIX. Poesia que se lê até hoje com prazer. ■

 **Zahidé Lupinacci Muzart** é professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e é pesquisadora do CNPq.

RESPEITEM ESTE DIREITO

Marcelino Freire

Ilustrações: D.W. Ribatski



Hoje o Velho faz 60 anos.

Finalmente.

60.

Embora esteja Velho faz tempo. Hoje, no entanto, é o Velho velho. De fato. Ninguém mais poderá dizer que ele abusa. Que ele engana os guardas. Do metrô. Quando se senta no assento privativo. Hoje ele é dele, pô. Este direito.

Novo.

Por isso, resolveu.

Comemorar a data.

Pegou a bengala e entrou no trem. Iria além. Passaria o dia inteiro vagando no vagão. Só por satisfação. Por vingança. Da netinha. Que vive mandando ele sair do sofá. Quero ver só agora ela me mandar.

Nem que chamem o presidente. Pode vir quem quiser. Um cego. Um aleijado qualquer. Daqui eu não saio. Só passando por cima do meu osso. Serei grosso, mandarei pastar.

E a Velha?

Ela que não pense que é a dona da casa. Aqui não. Não vê? A minha idade? Orgulhoso, olhava pelo vidro. A rapidez que era o trilho comprido. A tecnologia.

O microfone dizia, para quem quisesse ouvir: o assento de cor cinza é preferencial. Fez cara de mau. Contente. Nem que aconteça algo urgente. Um incêndio. Não sairia do seu canto. Como um homem que morre. Endurece as raízes.

Planta-se no chão mais subterrâneo.

Dentro do trem tinha até televisão. Viu? Pensou, mais uma vez, na netinha. Que não deixa o Velho ver o jogo. O Velho ver Paulo Autran. Como o Velho gostava do Paulo Autran.

Grande ator!

Homem mais educado!

Ah! Já não se faz mais gente como antigamente...

Hoje, para sempre, amanhã. Nem que o universo acabe. Quem o expulsaria do banco? Respeitem os meus cabelos brancos.

Minha cara de orangotango.

Veio a tarde, quase chegando a noitinha.

Como se carregasse 60 velhos o Velho de 60.

Capenga.

De quando em quando, um cochilo, um suspiro. Imediatamente, como um soldado, ao primeiro balanço abria os olhos pesados. Só para avisar: você que não invente de me desabrigar. Uma grávida, por exemplo, apontou a vista para o seu assento. Ah, minha filha, vá procurar onde cair a sua barriga. Eu é que não tenho nada a ver com você. A vida é assim mesmo, querida: enquanto uns estão para nascer, outros renascem.

Nunca é tarde.

Longa.

Eterna será esta minha primeira viagem.

Viu jovens se aglomerarem, viu gravatas. Viu gente apressada. Correndo para onde? Essa onda de gente? A Velha deveria estar se perguntando: cadê o maldito? Juro que ela nem lembrou do meu aniversário. Nem um bolo, um bombocado.

Meu Cristo!

Como fui casar com uma mulher tão ruim? Bandida. Uma vida inteira de agonia, descaso. E os filhos, então? O Velho nem lembrou deles. Uns condenados. O tanto que se arrastou para criar, dar educação, ensinar aqueles trastes a respeitar o ser humano, o cidadão.

Não.

Sempre foi ali cada irmão por si.

E esse bebê ridículo, por que tanto olha para mim? Por que tanto ri? Daqui eu não saio. Eu não me levanto. E o bebê olhando.

Olhando, olhando, olhando...

Entendendo tudo.

Coitado!

A mãe deixando a baba do menino babar. Bem na minha calça. Ninguém dá um lugar a essa desnaturada? Ninguém salva essa criança desse perigo? Dessa falta de cuidado? Eu, repito, é que daqui não saio.

Fico e finco. Até os 80.

Ora, ora.

Estou com 60 anos, ouviram?

GRITOU.

Hoje eu estou fazendo 60.

Não entendeu por que falou alto. Como nunca havia falado. Bem alto, feito um microfone. Feito o barulho do vento no túnel. Desabafou, musculoso. O Velho idoso.

Chegou a imaginar tudo que é passageiro ali cantar, assoprar velinhas, linguinhas, festa de papel picado. Um sonho amalucado, de um segundo. Impossível que o mundo no trem parasse. Por causa dele — um ano mais velho o bobo do Velho. Apenas uma moçoila ao seu lado abriu um sorriso molhado.

Parabéns.

O Velho assustou-se.

Hoje é o aniversário do senhor? Ela perguntou.

60 anos.

Não parece.

Hã?

O senhor não parece ter 60 anos.

Está pensando o quê? Que eu minto? Finjo ser velho sem ser?

Ah! Não aguentaria mais levar desaforo para casa. Mais nunquinha, sua condenada. Rapariga, você vai ver.

Subiu-lhe um ódio antigo, pegou da bengala.

Segura o Velho, segura o Velho, o povo gritou.

Segura o Velho.

Que se levantou. ■

CAPA | CONTO



Um nocaute no conto

Com forte tradição na literatura brasileira, o conto tem sido preterido pelo romance neste início de século. Escritores, críticos e editores discutem por que o gênero que revelou importantes autores no país encontra grande resistência no mercado editorial

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Dalton Trevisan e Rubem Fonseca acabam de lançar novos livros. E, mais uma vez, os reclusos escritores atacam no conto: Trevisan com o *O anão e a ninfeta*, Fonseca com *Axilas e outras histórias indecorosas*. Aos 86 anos, os dois autores continuam sendo as maiores referências do conto brasileiro contemporâneo. E isso não se deve apenas à qualidade do que escreveram, mas também à quantidade. Apesar de terem escrito romances, Fonseca (vários) e Trevisan (apenas um) fizeram carreira mesmo com suas histórias curtas, escrevendo livros que estão entre as melhores obras da literatura brasileira do século XX. Trevisan lançou 35 livros de histórias curtas — excetuando seus títulos renegados, *Sonata ao luar* (1945) e *Sete anos de pastor* (1948). Fonseca, autor de 27 livros, tem nas suas primeiras coletâneas de contos o suprassumo de sua obra. Carreiras feitas sob a égide do conto, algo que parece cada vez menos em voga na literatura bra-

sileira. Desde a fantástica geração de autores surgida nos anos 1970, que revelou nomes como Sérgio Sant’Anna, João Atônio e Caio Fernando Abreu, poucos autores nacionais estabeleceram suas carreiras por meio do conto.

Em uma pesquisa pelos *sites* das duas principais editoras do país, Record e Companhia das Letras, é possível constatar que, apesar de terem surgido bons livros de contos entre os anos 1990 e 2000, há poucos escritores dispostos a encarar uma carreira solo no conto, sem se desviar para o romance. Há muitos escritores que iniciam a carreira com um livro de histórias curtas, mas logo migram para o romance. É o que muitos chamam de “treino”, o que irrita os contistas de ofício. Nomes como Marcelino Freire, João Anzanello Carrascoza e Amílcar Bettega, puros-sangues do gênero, são exceções entre os muitos escritores brasileiros surgidos nos últimos 15 anos com o aquecimento de nosso mercado editorial. Se a amostra nas duas maiores editoras do país não pode ser tomada

como uma verdade incondicional, pois os contistas podem estar espalhados pelos mais diferentes selos, ou mesmo na internet, ela pode pelo menos suscitar algum debate a respeito do que está acontecendo no conto nacional.

“Eu acho que, infelizmente, o conto é considerado um gênero menor no Brasil. Quem já escreveu romance e conto — meu caso — sabe que não há diferença de dificuldade entre um e outro. A concisão é tão sofisticada quanto o trabalho de maior fôlego. No Brasil, no entanto, o conto é considerado uma espécie de segunda divisão, onde o ficcionista treina para escrever o que interessa: romances”, diz João Gabriel de Lima, editor da revista *Bravo!* e autor dos romances *O burlador de Sevilha* e *Carnaval*.

O escritor e crítico Luís Augusto Fischer recorre à geração de Sérgio Sant’Anna e João Antônio para explicar a presença do romance em escala superior à do conto hoje. Segundo Fischer, a geração dos anos 1970 de certa forma preparou o terreno para que os es-

critores de hoje escrevam romances.

“Um importante efeito da produção desses contistas [dos anos 1970] talvez tenha sido, paradoxalmente, um adestramento da língua portuguesa moderna de tal forma eficiente que abriu caminho para o romance de hoje, todo ele escrito com uma liberdade de movimentos muito expressiva e com uma linguagem realmente forte, eloquente, coisa que a geração de 1970 ainda precisou lutar para estabelecer”, explica Fischer. “Escrever romance depende da existência de uma língua suficientemente maleável, dúctil, e isso foi em parte obtido pelo conto dos anos 1970.”

Para o jornalista e escritor Paulo Roberto Pires, que na última década trabalhou como editor nos grupos Planeta e Ediouro, “nem sempre se consegue determinar com precisão porque um gênero literário tem mais prestígio numa época do que em outra. Ser escritor nos anos 1970 era, quase sempre, ser contista — ou ser contista em momentos decisivos de sua carreira”.

Mercado editorial

Em uma declaração recente, publicada na *Revista da Cultura*, a editora da Record Luciana Villas-Boas disse considerar um erro um escritor iniciar a carreira com um livro de contos. Segundo ela, os livros de histórias curtas não vendem, o que pode deixar no autor iniciante a pecha de fracassado. A declaração gerou polêmica e evidenciou o pensamento de pelo menos parte do mercado editorial em relação ao gênero. Imposição que, caso verdadeira, pode explicar o “esvaziamento” das carreiras de contistas brasileiros neste início de século.

“Essa percepção começa pelo mercado. As editoras não querem publicar livros de contos. Eu mesmo já senti isso. Eu, que tenho dois romances publicados, já ofereci livros de contos para editoras, e ninguém quer publicar. Todo mundo pergunta: ‘mas quando sai o próximo romance?’ Claro que isso desestimula. Resumindo, acho que é por aí. Primeiro, uma questão cultural. Depois, uma questão de mercado que decorre desta questão cultural”, diz João Gabriel de Lima.

Ainda que concorde que há uma predominância de romancistas na cena literária atual, Paulo Roberto Pires cita *Faroestes*, coletânea de contos de Maçã Aquino, lançada em 2001, como um livro que pode rivalizar com grandes clássicos brasileiros do gênero.

“Quem dá maior ou menor importância ao mercado é a compreensão que o escritor tem de sua atividade. Acho difícil que um contista vocacional, ou seja, um escritor com mão boa para o conto, de verdade, abandone sua vocação sem mais nem por que para atender a qualquer exigência. Se ele diz que abandona para atender a alguma exigência, eu duvidaria de sua firmeza de propósitos. E, na boa, nem o mercado sabe o que quer. Ou melhor, tem manifestado querer epígonos de livros-sensação ou seriados voltados para um público adolescente. E isso não tem nada a ver com gênero literário, mas com



Ilustração: Federido Delicado

“ No Brasil, no entanto, o conto é considerado uma espécie de segunda divisão, onde o ficcionista treina para escrever o que interessa: romances”

João Gabriel de Lima

uma tipologia comercial”, afirma Pires.

O escritor e crítico literário José Castello segue na mesma toada e diz que acha isso “lamentável” e que são “tendências de mercado, resultados precários de balancetes, ou de pesquisas, aos quais a literatura é absolutamente indiferente”.

Influência da imprensa

Situação diversa vive o mercado de língua inglesa, onde os contos ainda fazem muito sucesso. Há diversos exem-

plos de coletâneas de histórias curtas que viraram *best-seller* nos Estados Unidos, como os contos de John Cheever reunidos em *The stories of John Cheever*, que em 1978 vendeu 125 mil exemplares na edição de capa dura e figurou por seis meses na lista de *best-sellers* do *The New York Times*. No Brasil, talvez apenas *O vampiro de Curitiba*, de Dalton Trevisan, tenha feito sucesso semelhante entre os livros de contos. *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu, hoje considera-



do um clássico do gênero, fez bastante barulho à época de seu lançamento e se tornou um dos maiores sucessos editoriais dos anos 1980. No entanto, ao longo das décadas de 1990 e 2000, poucos livros de contos alcançaram o mesmo sucesso e relevância. “Não li todos os livros de contos que saíram recentemente, então estaria cometendo uma injustiça se dissesse que não há contistas à altura de nossa tradição. Mas é certo — reiterando — que ninguém consegue o mesmo destaque que Rubem Fonseca ou Dalton Trevisan conseguiram em suas épocas. De onde que se conclui que vivemos uma época, no Brasil, que viralizou o conto”, diz João Gabriel.

Pode-se encontrar alguma explicação para essa diferença entre mercados no fato de que a própria imprensa americana ainda valoriza e dedica espaço às chamadas *short stories*. Enquanto no Brasil os suplementos literários e cadernos de cultura dos jornais encolhem, nos Estados Unidos as tradicionais *magazines*, que no passado revelaram nomes como Truman Capote, J. D. Salinger e Gore Vidal, ainda estão em plena atividade, dedicando espaço a novos contistas.

“A *Bravo!* publica contos há muito tempo, e a seção “Ficção Inédita” é uma das que mais prezo — como você já deve ter percebido, sou um entusiasta do gênero. Mas um fenômeno curioso é que nem sempre há contos disponíveis para a seção. Muitas vezes o que publicamos, na ausência de contos, são trechos de romances que estão para sair. Mais um indício da crise cultural do gênero. Sei que na *The New Yorker*, revista que em certo sentido inspira a *Bravo!*, há filas de contos para publicação. Não sei em relação ao mercado, mas isso mostra que a cultura americana tem o conto — com o perdão do trocadilho — em alta conta”, explica o editor da *Bravo!*.

“Até os anos 1980 o sujeito podia até ter ideia para romance, mas primeiro tentava o conto porque era mais fácil

publicar, num suplemento aqui e noutro ali — eles eram em número bem superior aos de agora, na grande imprensa. Isso hoje se modificou, e o candidato a narrador pode tentar a sorte logo com o romance”, opina Fischer.

José Castello sugere que a forte tradição na área do conto nos Estados Unidos possa ser explicada pela influência de Hollywood, mas também, certamente, pela imprensa local. “Uma hipótese — mas talvez muito frágil — é de que, nos Estados Unidos, os contos se desenvolveram com mais vigor pela influência do cinema e dos roteiristas. Outro aspecto importante é a existência de revistas especializadas na publicação de contos. O que é uma tradição lá e também na Argentina. No tempo da nossa *Ficções*, por exemplo, os contistas brasileiros eram muito mais conhecidos que hoje.”

Luís Augusto Fischer tem uma teoria interessante para explicar esse “esvaziamento” das carreiras de contistas brasileiros: diz ele que os prêmios literários, que se proliferaram na última década, só valorizam o romance. Caso houvesse uma categoria de contos em prêmios como o São Paulo, por exemplo, o gênero poderia aparecer mais. “Os prêmios literários mais polpudos de nosso tempo são para o romance, e não para qualquer outro gênero, o que por certo fortalece a presença do romance, ao contrário do que rolava antes, quando havia o prêmio do Paraná, que foi um farol para os novos escritores dos anos 1970 e 1980.”

“Acho que a hipótese é boa para esquentar a conversa”, opina Paulo Roberto Pires, que hoje edita a revista de ensaios *Serrote*. “Mas não acho que no final das contas o prêmio faça essa diferença toda. Os bons valores pagos por bons prêmios — acho eu — não despertaram novas vocações. Talvez, ao contrário, tenham até inflacionado o romance e a poesia com escritores medíocres em busca apenas do dinheiro e do brilhareco.” ■

CONTOS QUE MATAM ROMANCES

Meus contos surgem como romances. Como estou escrevendo um segundo romance agora, os contos sumiram — ou viraram romances. A primeira frase do que seria o romance é capital. Quando o fôlego dessa frase acaba, nasce o conto. No meu primeiro romance, o fôlego durou dois meses. Por isso, é um romance. Para o segundo, estou fazendo natação a seco, já que não gosto muito de água. Pode acontecer de tirar a cabeça seca da água, então nasce um conto.

Também não gosto de histórias conclusivas, já que a vida não é assim. Como o universo é de quem o inventa, meus contos e romances (assim que estes forem publicados, você verá) terminam de um jeito inconclusivo, o que põe o leitor para trabalhar (acho que é por isso que tenho tão poucos e dedicados). Dito isso, é preciso esclarecer que detesto microcontos. E que sou indiferente ao que os contistas escrevem em geral, principalmente os que estão por aí. É uma indiferença mútua, então não há o que reclamar.

Também não gosto de Guimarães Rosa — ou melhor, não entro nos livros dele, não entro num livro que começa com esta palavra: “Nonada”. No entanto, é do Rosa um dos meus contos favoritos, “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, que também deu um filme excelente do Roberto Santos (pelo menos era quando o vi na faculdade). Felizmente, “A Hora e a Vez...” é o contrário de um microconto — os literatos preguiçosos é que inventaram essa porcaria. Claro, também não gosto de literatos, e sou obrigado a reconhecer que os contistas estão rareando, pois conto só está acima da poesia na cadeia alimentar. Os dois sempre estiveram próximos, por sinal. Gosto de poesia. Como escreveu Natalia Ginzburg, minha escritora preferida e rara contista: “Só entendo a poesia”.

Meus contistas favoritos estão mortos ou por um fio: Bioy Casares, Pirandello, Tchecov e Cortázar, quando eu era muito jovem. O tcheco Ivan Klima, um octogenário divertido, está entre eles.

Tenho um livro de contos para sair pela Cosac Naify. Chama-se *Conversa futura*. Muitos romances morreram ali.



Cadão Volpato é músico, escritor, autor de quatro livros de contos, um infantil e um romance, *Pessoas que passam pelos sonhos*, ainda no prelo. É apresentador do programa *Metrópolis*, da *TV Cultura*. Vive em São Paulo (SP).

O conto-riacho

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Em sua clássica obra *Aspectos do romance*, E. M. Forster afirma que este gênero literário é irrigado por centenas de rios-histórias. Essa síntese feita pelo escritor britânico a respeito da prosa de ficção longa, leva-me, por contiguidade, a comparar o conto a um riacho.

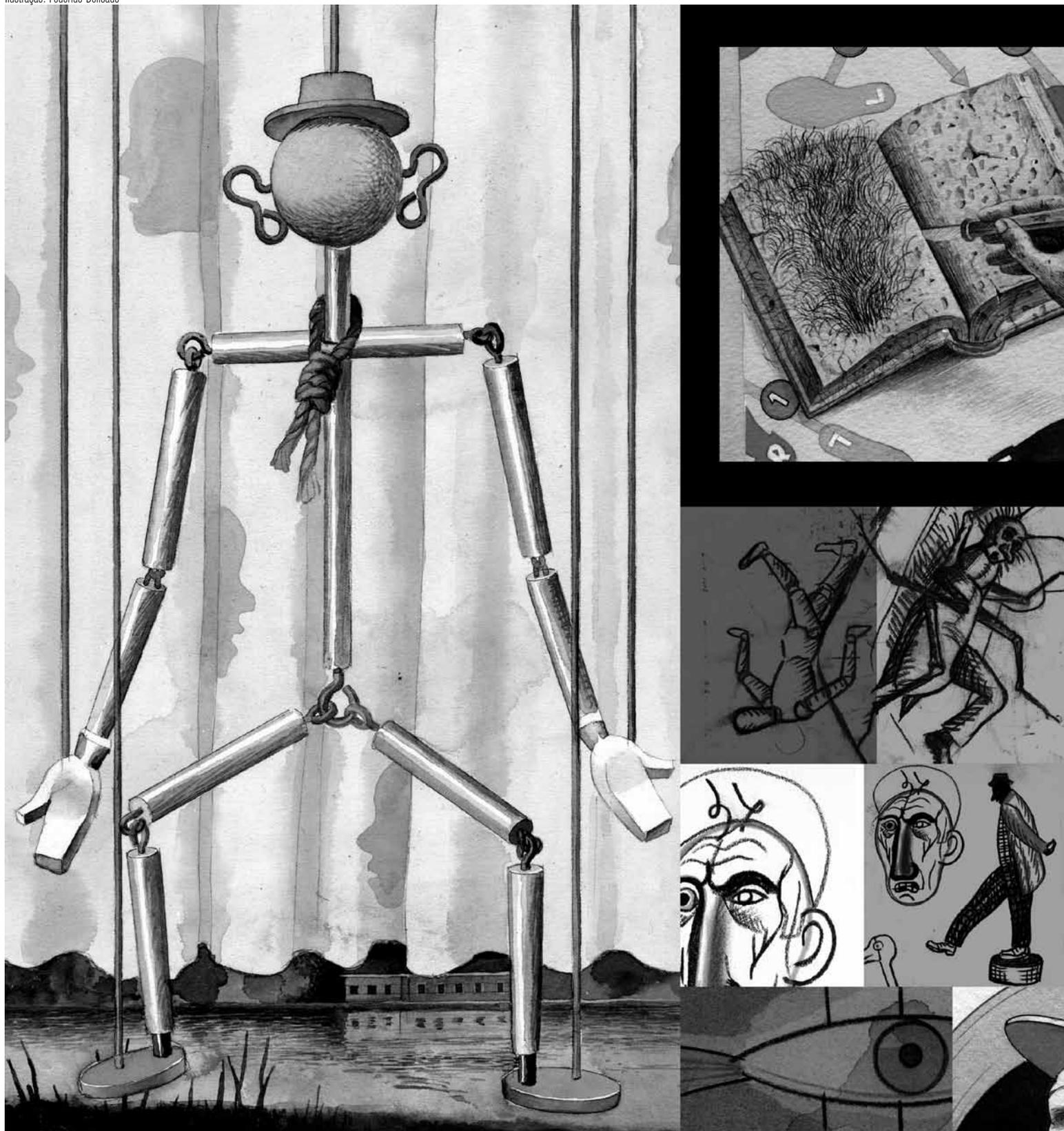
Se o romance é um espaço inerente à polifonia, ao mundo coletivo, o conto é o locus onde se manifesta a escassez de vozes, o universo do indivíduo. O romance opera como uma sinfônica, instaurando um diálogo entre os seus variados músicos. Já o conto é a música de câmara: poucos instrumentos, rápida performance. Romance: grande sertão. Conto: veredas.

Mas se os rios-histórias de um romance podem, não raro, degenerar em pântanos, o riacho-conto também pode desandar. Para mover bem suas águas, é preciso não esquecer que ele consubstancia uma estética metonímica. O conto não é o todo, é apenas o detalhe. Mas o detalhe que contém o todo: as águas, os peixes, os seixos, a vida lá dentro em conflito — embora, à sua superfície, possa parecer em calmaria.

Oscar Wilde afirmou que a vida é desprovida de forma. A arte é uma das maneiras de delinear esses contornos. Na esfera do conto, ela o faz não com carvão grosso (do romance), mas com a fina ponta de um lápis. O rio é presença forte na paisagem. O riacho, corte seco. Daí porque a economia, o ritmo, a tensão, que o caracterizam.

Em busca de riachos, sigo algumas pistas deixadas por Horacio Quiroga em seu *Decálogo do contista*. Uma delas é: “não escreva sob emoção. Dei-

Ilustração: Federido Delicado



xe-a morrer, e depois a evoque. Se fores capaz de revivê-la, terás chegado à metade do caminho”. O conto é, ao meu ver, a re-construção (literária) de uma emoção. Uma emoção que, se for bem transmitida vai gerar o “contágio”, como dizia Tolstói, e, consequentemente, será atualizada pelo leitor. Como um anti-narciso, ele reconhecerá seu próprio rosto nessas águas.

Outra pista deixada por Quiroga: “pegue seus personagens pelas mãos e conduza-os firmemente até o final, sem deixar que nada o desvie do caminho traçado”. É preciso tomar cuidado com os moinhos de ventos, que nos empurram a outros territórios, desviando-nos do nosso curso. O riacho não é o mundo, mas um mundo. Poe, Maupassant, Tchecov, Machado, Cortázar e Carver, entre outros, souberam dar profundidade e alargar as suas margens.

E, a principal de todas as recomendações de Quiroga, ligada umbilicalmente à anterior: “não comece a escrever sem saber aonde ir. Em um bom conto, as três primeiras linhas têm quase a mesma importância que as três últimas”.

Tal elo, entre o início e o fim, conduz-nos a uma conexão com Antonio Skármeta. O escritor chileno, em Assim se escreve um conto, lembra que a noção de fim opera no conto desde o começo. “Tudo chama, tudo convoca a um final”. Em outras palavras: o riacho, em sua nascente, já é atraído pela sua foz. Qualquer conto é, portanto, metáfora da existência, apreendida numa metonímia. Riacho-instante. ■

 **João Anzanello Carrascoza** é autor dos livros de contos *O volume do silêncio* (2006), *Espinhos e alfinetes* (2010) e *Amores mínimos* (no prelo), entre outros. Vive em São Paulo (SP).

QUEM CONTA UM CONTO



O conto é um corte rápido da realidade, um golpe de foice. Não há uma maneira de se conceber o conto, mas muitas maneiras. Para simplificar, elas podem ser divididas em duas: o estímulo pode ser figurativo – uma cena, um grito, uma imagem, a história que alguém contou, uma lembrança, qualquer coisa com cor e corpo, com elementos concretos que tenham impressionado fortemente o contista. Muitas vezes, contudo, o estímulo é temático. Um tema abstrato é sugerido por uma leitura, uma conversa qualquer, uma inquietação. Quando o estímulo é figurativo, as figuras partem em busca do seu tema. Quando temático, o tema começa a pedir suas figuras. Geralmente a germinação de um conto é lenta: o embrião vai tomando forma, crescendo, até o momento da realização do discurso narrativo, que é rápida.

 **Menalton Braff** nasceu em Taquara, no Rio Grande do Sul, em 1938. É romancista e contista, autor dos livros *À sombra do cipreste*, vencedor do Prêmio Jabuti, no ano de 2000 e *Castelos de papel* (2002), entre outros.

LAMPEJO INDOMÁVEL



Conto, para mim, acontece como um lampejo, um material latente – uma emoção, um gesto atípico, um episódio inusitado, uma dor – que súbito exige alguma resolução na forma de texto e vira, assim, compulsão. Por isso, preciso solucioná-lo imediatamente, rapidamente, e expulsá-lo de mim. Isso feito, e a mente aliviada, ponho o texto para repousar e depois, friamente, reviso o que for necessário. Ou jogo fora. Mas o que conta, mesmo, é aquele lampejo quase indomável, um novelo pequeno, um pavio curto impondo a explosão.

 **Bernardo Ajzenberg** nasceu em São Paulo, em 1959. É jornalista, escritor e tradutor. É autor de *Varições Goldman* (1998), *A gaiola de Faraday* (2002, prêmio de Ficção do Ano da Academia Brasileira de Letras), *Homens com mulheres* (2005, finalista do prêmio Jabuti) e *Olhos secos* (2009), entre outros livros.

O FOGO DAS NARRATIVAS



Vou começar usando um antipático advérbio de modo: socialmente, sempre fui considerado um contador de histórias. Era algo natural. Só me tornei um contista quando passei não apenas a escrever minhas histórias, mas quando troquei de advérbio. Agora, conto histórias pretensiosamente. E onde estaria essa pretensão? Num desejo de permanência, de significação mais ampla. É difícil explicar – ou justificar-me – sem parecer pedante ou ridículo, mas não há saída: escrevo contos porque contar histórias é uma forma de nos mantermos unidos, de passar adiante a tocha de uma civilização duvidosa, ambígua, mas que, no ponto em que nos encontramos, talvez seja nossa melhor opção. Enfim, histórias são elos que forjamos entre as gerações passadas e as futuras, e a literatura, assim, seria esse encadeamento de significados, uma corrente que vamos esticando até onde o acaso permitir. Sinto que tenho várias histórias para contar e, por isso, escolhi o conto, sua brevidade e intensidade. Não me sinto tão disposto, como o são os grandes romancistas, a enredar emocionalmente meus leitores durante semanas ou meses (embora eu também seja um leitor empolgado de romances). Tampouco quero nocautear alguém. Mas acho que a eficácia de um bom conto, pequeno e ágil, está em sua capacidade de acomodar-se dentro dos leitores e de suas casas. Fazer parte da mobília e da memória de cada um. Misturar-se à tralha pessoal que, a um só tempo, nos humaniza e individualiza.

 **Luís Henrique Pellanda** nasceu em Curitiba, em 1973. É escritor e jornalista, autor dos livros *Nós passaremos em branco* e *O macaco ornamental*. Organizou o primeiro volume da antologia *As melhores entrevistas do Rascunho*.

“**B**ati em Angela com o lado esquerdo do paralama, jogando o seu corpo um pouco adiante, e passei, primeiro com a roda da frente — e senti o som surdo da frágil estrutura do corpo se esmigalhando — e logo atropeliei com a roda traseira, um golpe de misericórdia, pois ela já estava liqüidada, apenas talvez ainda sentisse um distante resto de dor e perplexidade.

Quando cheguei em casa minha mulher estava vendo televisão, um filme colorido, dublado.

Hoje você demorou mais. Estava muito nervoso?, ela disse.

Estava. Mas já passou. Agora vou dormir. Amanhã vou ter um dia terrível na companhia.”

PASSEIO NOTURNO — PARTE II • Rubem Fonseca



“**U**m menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

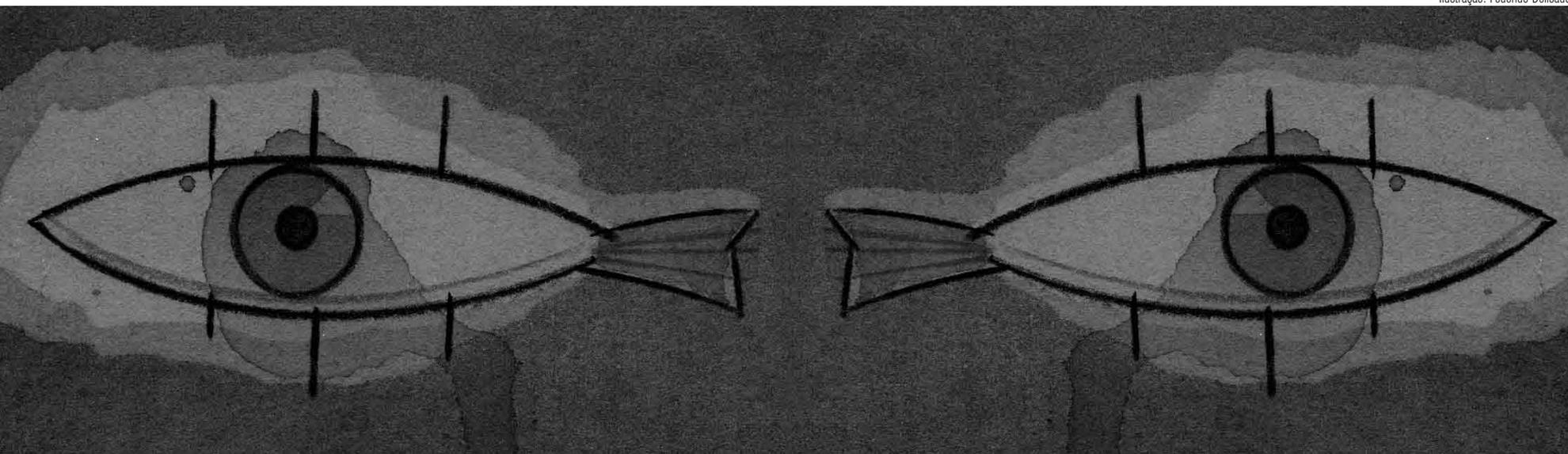
Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gostas de chuva, que volta a cair.”

UMA VELA PARA DARIO

• Dalton Trevisan



Ilustração: Federido Delicado



“**U**rgia encontrar solução para o meu desespero, pensando bem, concluí que somente a morte poria termo ao meu desconsolo.

Firme no propósito, tirei dos bolsos uma dúzia de leões e, cruzando os braços, aguardei o momento em que seria devorado por eles. Nenhum mal me fizeram. Rodaram-me, farejaram minhas roupas, olharam a paisagem, e se foram.

Na manhã seguinte, regressara e se puseram, acintosos, diante de mim.

— O que desejam, estúpidos animais?! — gritei, indignado.



Sacudiram com tristeza as jubas e imploraram-me que os fizesse desaparecer:

— Este mundo é tremendamente tedioso — concluíram.”

O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA • Murilo Rubião

“**A**gora larga de besteira e vem cá que eu acabo com essa sua preocupação.” A mulher levantou da cama e abraçou o homem, que continuou com os braços estendidos ao longo do corpo. Beijou-o várias vezes no rosto e, pegando uma de suas mãos, guiou-a até o meio de suas pernas. Visto por sobre o ombro dela, o

rosto de Múcio era o de um homem tenso. A chuva ainda não havia cessado e o luminoso do Blue Star foi ligado nesse momento.

Vagarosamente, ela puxou o homem até a cama, fez com que se deitasse e começou a despi-lo. Nu, ele em nada lembrava um dos matadores de aluguel que seu marido, o Turco, mantinha sob contrato.”

MATADORES • Marçal Aquino

“**D**e manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo. Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver um ovo nunca se



mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios. — No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. — Só vê o ovo quem já o tiver visto. — Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. — Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. — Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. — Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo. — O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe.”

O OVO E A GALINHA

• Clarice Lispector ■



CONTO

ANOTAÇÕES DE VIAGEM A JUQUEÍ

Ivana Arruda Leite

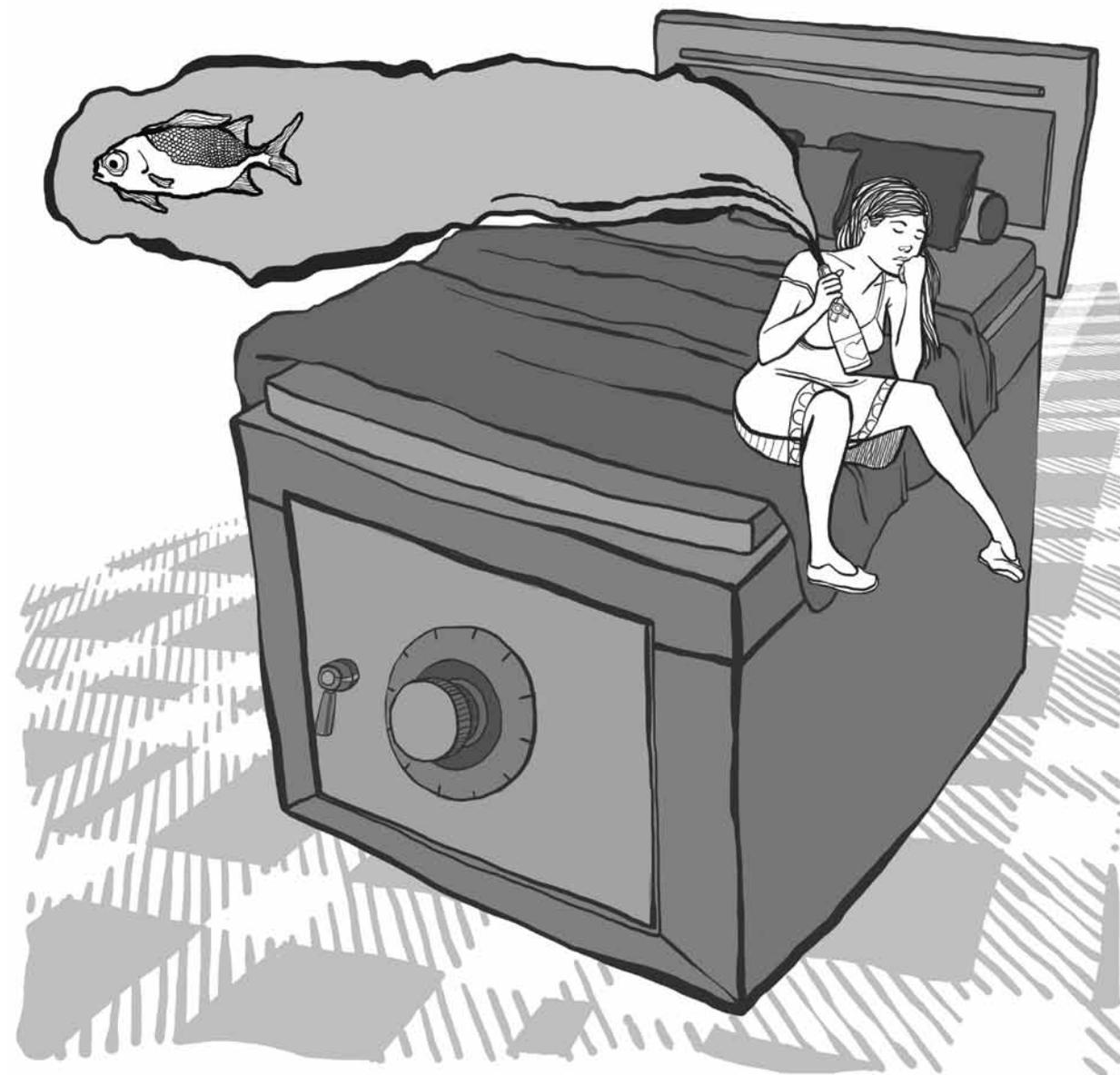
Ilustração Rafael Cervagliari

Quando Alberto me ligou propondo que saíssemos uns dias eu fiquei feliz feito criança, torcendo p/ não chover. Dessa vez ia dar tudo certo. Fazia tempo q não viajávamos juntos. Ele disse q às 10 passaria p/ me apanhar. Desci e fiquei esperando na portaria. 10 e meia, 11 e nada dele chegar. O zelador me olhava morto de dó. Cena típica de novela: o mocinho deixa a mocinha esperando e não aparece. Ao ½ dia eu subi, pus pijama e me enfiei na cama aos prantos. Não é a 1ª vez q ele me apronta uma dessas. Qdo ele chegasse eu ia mandar ele à puta que o pariu e falar q não ia viajar + porra nenhuma.

Às 3 da tarde ele buzinou e eu desci. Entrei no carro c/ a maior cara de choro mas ele nem reparou. Disse q tinha tido uns contratemplos, me deu um beijinho e foi em frente. Nem perguntei p/ onde. Q me levasse p/ onde quisesse. Juntos já percorremos os piores lugares do planeta. Dessa vez viemos parar em Juqueí.

Qdo entrei no quarto e vi a cama de casal com 2 travesseiros, pensei: oba! Nunca mais serei sozinha. Até parece... Cadê o casal que estava aqui? O fogo queimou, a água apagou, o boi bebeu. C/ Alberto eu tô spre sozinha. No maior bom humor, ele vestiu a sunga e me arrastou p/ piscina. O dia tava lindo de doer. Eu fiquei na água enqto ele mamou uns 4 gins-tônicas. A tarde pedia.

Jantamos ali mesmo, na beira da piscina. Robalo c/ molho de amêndoas e creme de espinafre. Delicioso! S/ dúvida, a melhor coisa da viagem. Pensar



q vim tão longe p/ voltar c/ a lembrança de 1 peixe grelhado e a barriga vazia.

Comigo é spre assim. E o pior é q eu não aprendo.

Depois do jantar fomos p/ o bar do hotel e mandamos ver na vodca com gelo e limão. Alberto subiu p/ quarto tropeçando. Levei umas revistas p/ ler antes de dormir.

Ele ainda teve a pachorra de li-

gar p/ mulher p/ saber se tava tudo bem, se ela tinha dado comida p/ cachorros, se tinha levado o filho ao médico, etc., etc., etc. Mesmo qdo viaja c/ a amante, ele é todo cuidados c/ a *maledetta*. Mas bastou q eu colocasse minha perna em cima da dele p/ ele estrilar: “pô, vc não vê q eu não tô legal?”.

Dormi mal e acordei cedo. São 10 e 15 e eu já tomei café da manhã.

Alberto dorme feito uma pedra. Por sorte, o dia amanheceu chovendo. Daqui a pouco vou acordá-lo e sugerir q a gente vá embora antes que vença a próxima diária. Tomara que ele tope.

Esse bloquinho que encontrei na gaveta do criado-mudo vai comigo pra SP, assim como a lembrança do robalo grelhado. A melhor coisa da viagem. A barriga volta vazia como sempre. ■

Ivana Arruda

Leite nasceu em Araçatuba, São Paulo, em 1951. É mestre em sociologia pela Universidade de São Paulo e autora dos livros *Falo de mulher* (2002), *Eu te darei o céu* (2004), *Ao homem que não me quis* (2005) e do juvenil *Confidencial* (2002), entre outros. Participou de inúmeras antologias no Brasil e no exterior. Escreve desde 2005 no blog *Doidivana* (doidivana.wordpress.com). Vive em São Paulo (SP).

Sansão e a força dos livros

Sansão José Loureiro leu seu primeiro livro aos sete anos e, desde então, lá se vão mais de sete décadas dedicadas à leitura

FELIPE KRYMINICE

Foi com um livrinho chamado *Pitoco e Patulé*, distribuído como brinde do fortificante Biotônico Fontoura nos idos dos anos 1940, que o professor aposentado Sansão José Loureiro começou sua relação com a literatura, uma história que já dura mais de 70 anos. A autoria e paradeiro da obra que iniciou Sansão no universo literário se perdeu com o tempo, mas o gosto pelos livros ainda persiste no outrora garoto, hoje com 78 anos e ainda um leitor voraz.

Formado em Direito em 1959, Sansão atuou como professor universitário por 27 anos na área de Direito Constitucional, em diversas instituições de ensino superior de Curitiba, incluindo a Universidade Federal do Paraná, onde se formou e recebeu, em 2009, o título de professor emérito.

Mas, paralelamente ao mestrado e à carreira de jurista, Sansão iniciou uma rotina de leitura de causar inveja a leitores profissionais. Conhecido pela sua generosidade, já doou mais de dois mil volumes de obras jurídicas para bibliotecas de cursos de Direito e outros seis mil exemplares de obras literárias para a Biblioteca Pública do Paraná (BPP). O que o tornou uma espécie



Fotos: Kraw Penas

de oráculo entre os leitores da BPP. Leitor de clássicos e da literatura contemporânea, seus livros, sempre em perfeito estado de conservação e edições atualizadas, são aguardados com expectativas pelos seus seguidores. Sua assinatura na folha de rosto dos livros que doa funciona como uma espécie de selo de qualidade literária.

“Meu pai não tinha estudado muito, mas sempre continuou com vontade de aprender. Então, mesmo tendo pouco estudo, foi um grande incentivador da leitura. Em Uberlândia, onde nasci, meu pai comprava livros de vendedores de rua. E assim foi formando a nossa biblioteca. E lá tinha de tudo: Monteiro Lobato, histórias da carochi-

nha, etc.”, diz Sansão.

A relação com a BPP também é antiga. Assim que se formou em Direito, em 1959, Sansão prestou concurso para juiz. Com a ajuda dos livros da BPP, foi aprovado. “Eu emprestava muitos livros da biblioteca nessa época, principalmente de Direito. A doação é uma forma de retribuir essa ajuda.”

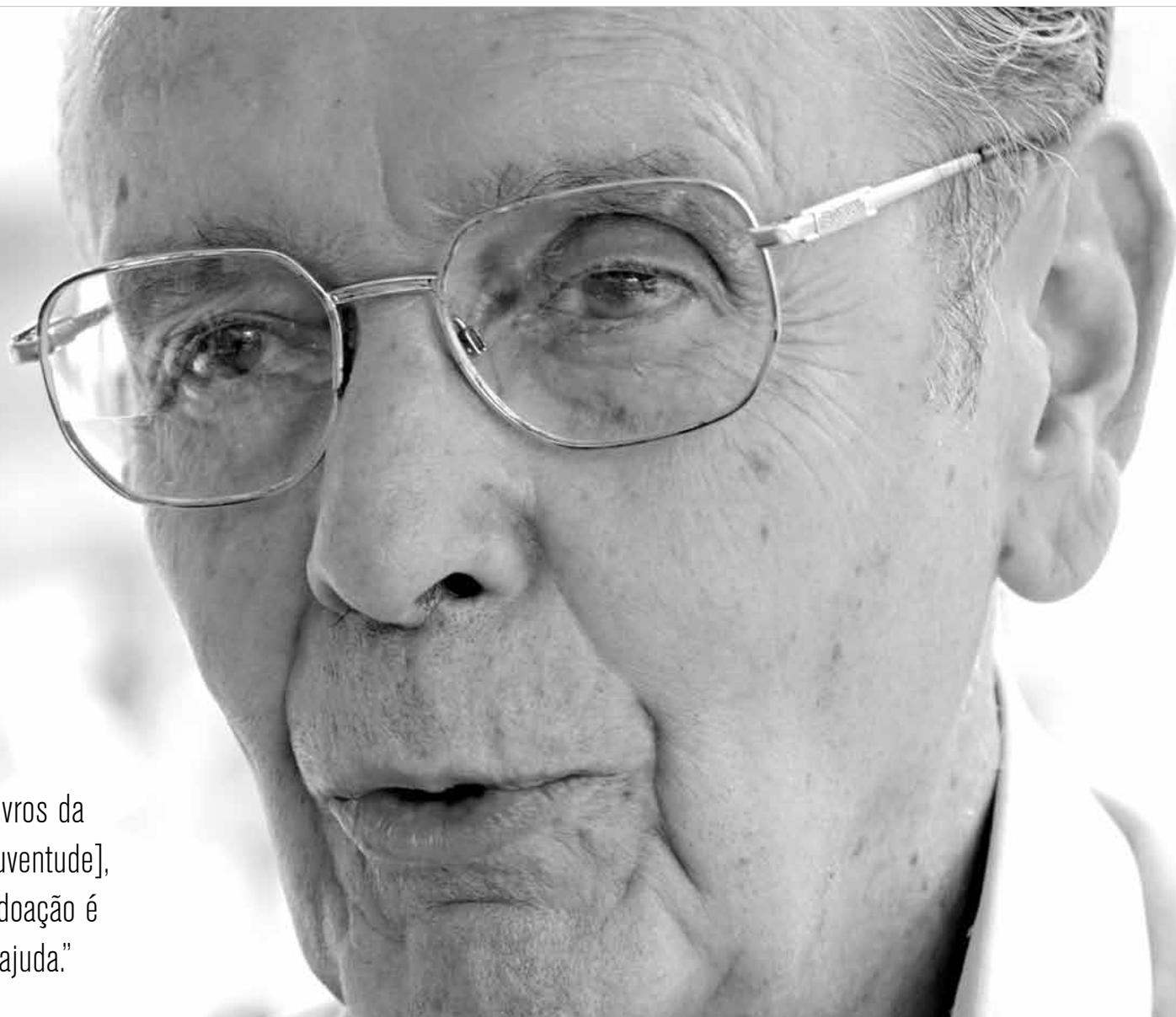
A primeira biblioteca

Viciado em livros, mas sem dinheiro para comprá-los, a aprovação no concurso para juiz lhe rendeu um duplo presente. Além de garantir um emprego, ganhou um incentivo financeiro do pai para formar sua primeira biblioteca. “Quando eu fiz o concurso para a magis-

tratura, meu pai me deu 50 milhões de cruzeiros, não sei quanto vale isso hoje. Mas aí comprei todos os livros que queria. Porque antes passava na livraria e não podia comprar. Às vezes ficava tardes inteiras na livraria só folheando os livros, sem comprar nada. Eu não tinha nenhum livro até então, mas a partir daquele dia comecei a minha própria biblioteca.”

O gosto pelo estudo acompanhou Sansão por toda a vida. Além do curso de Direito, também se formou em Ciências Econômicas e deixou inacabado um curso de Filosofia. Estudo que o levou a cargos como o de diretor do curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e de juiz de Direito e juiz auditor da Justiça Militar.

Mas, ao lado de processos e teses acadêmicas, Sansão mantinha sempre um romance ou biografia debaixo do braço. As biografias, diz ele, sempre o ajudaram a entender não apenas a vida de grandes personalidades e o momento histórico em que viveram, mas sobretudo em questões práticas do cotidiano. “Por meio da biografia você acaba aprendendo muita coisa, não somente restrito à história em si. Como tenho formação de economista, essas coisas me interessam, gosto de saber como era a economia de outros tempos, como os chefes de Estado resolveram determinados problemas. A história vem te dizendo. É aquele negócio que o Nietzsche dizia: quanto mais se muda, mais é a mesma coisa. No fluxo e refluxo do livro, você vai chegar à conclusão do que mudou. A paisagem, o cenário, a decoração e a maneira de vestir. O homem em si continua o mesmo. O que tem de errado continua igual.”



“ Eu emprestava muitos livros da biblioteca nessa época [na juventude], principalmente de Direito. A doação é uma forma de retribuir essa ajuda.”

Escritores preferidos

Entre os prosadores, Eça de Queiroz é considerado “o máximo” pelo professor, que leu toda a obra do escritor português ainda na adolescência. “Papai dizia que o português bem escrito era o de Portugal. Então fazíamos uma espécie de campeonato, sabíamos de cor um monte de coisas dos livros do Eça.” Seguindo a recomendação do patriarca, Sansão foi fundo na tradição literária de nossos colonizadores, mergulhando nas obras de Camões, Padre Antonio Vieira e Camilo Castelo Branco.

Outra grande paixão de Sansão

foram os hispano-americanos dos anos 1970, escritores como García Márquez, Vargas Llosa e Onetti, que agitaram a cena literária latino-americana com obras poderosas como *Cem anos de solidão* e *Junta cadáveres*. “Um amigo chamado Claudio Lacerda, que sempre viajava para os países de língua espanhola, me trazia muitos livros. Então li todos os grandes quando eles estavam lançando suas obras: Borges, Onetti, Roa Bastos”, diz Sansão, que também lê em espanhol, francês e inglês.

Mas claro que a literatura brasileira não foi negligenciada pelo leitor Sansão, que buscou com devoção seus

principais autores, com especial entusiasmo por Graciliano Ramos. “Com o Graciliano cheguei a ousadia de fazer um argumento para *Vidas secas*. Mas o Nelson Pereira do Santos me furou. Com *Memórias do cárcere* foi a mesma coisa.” O roteiro de *Vidas secas* não saiu, mas Sansão acabou cometendo um outro argumento, inspirado em uma figura lendária que perambulava pela famosa Boca Maldita, no centro de Curitiba. *Esmaga ou opinião universitária* se baseava nas histórias de Alvin Guimarães da Cruz, conhecido como Esmaga, que segundo Sansão “vivía filando uns trocados dos conhecidos, sempre disposto

a destilar sua filosofia. O Esmaga era um espetáculo”.

Entre 1957 e 1958, o professor Sansão passou uma temporada nos Estados Unidos. Estudava em Greenwich Village, o bairro boêmio e artístico de Nova York que Holden Caulfield, o personagem de *O apaixonador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, perambula após ser expulso da escola. “Tive um contato com a literatura americana que estava sendo feita à época. De John Steinbeck a Philip Roth.” Era o prenúncio de uma vida de leitura que prometia — e se confirmou — ser brilhante. ■

Esta rua Martim Afonso é movimentada. Nunca um carro deixa de passar, nunca os motores de rugir. Quem pode ouvir outra pessoa dizer uma palavra, uma frase? As calçadas são de lajotas de pedra, cortadas irregularmente, a cobrir a terra. Duras, diversas, difíceis para um carrinho de bebê cruzá-las. Imagine para os joelhos do homem velho que curva a cabeça frente à imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, protegida pelas grades, no parapeito posterior do pátio da igreja. A bulha não o perturba. A garoa a deixar escorridos os cabelos nevados também não e, se uma tempestade houvesse, ele não se daria conta. Absorvido em si próprio, submerge na oração, em sua comunicação com Aquele que a tudo prove. Se levasse uma facada, se fosse atropelado, nem notaria.

Ricardo Pereyra, chama-se, e o melhor sobrenome, não o do registro, talvez seja Sem Deus. Sem Deus e sem nada.

Romancistas procuram momentos perfeitos, distintos e definitivos, nas vidas de suas personagens atormentadas. Será que eles existem? Certamente, isso não acontecia quando Ricardo Pereyra bateu à porta da família Schwartz. Chovia.

Vês aquela capela pequena, com espaço para cinquenta pessoas, sentadas ou ajoelhadas? A capela Schwartz. Uma comunhão de família e amigos muito próximos. A água caía quando ele esmurrou as portas dela, no fechar da tarde de uma quinta-feira.

Levado para a casa grande, Ricardo viu-se num mundo particular.

A tarde finda, a luz esmaece. O grande jardim dos Schwartz escurece. As luzes da casa se acendem. O jantar está pronto.

— Senhor Ricardo Pereyra, é uma honra e uma alegria que possamos compartilhar da sua presença nesta

CHUVA

Otávio Duarte

Ilustração: Rones Dumke



casa. Esta refeição simples, que a graça de Deus nos permite desfrutar, a todos eleva os sentimentos de boa vontade e hospitalidade. O que seríamos, se não pudéssemos esperar que de outros seres humanos, de outros cristãos, tivéssemos a ventura do enriquecimento, pelo saber das suas aventuras, de suas dúvidas, certezas e incertezas? Não se faz assim o mundo? O que seríamos, se os nossos braços encurtassem e as mãos abertas não ficassem ao alcance do desconhecido que bate à nossa porta, no meio da noite gelada? É para nós uma alegria tê-lo em nossa mesa e as nossas esperanças são de que a mesma disposição ocorra em seu íntimo, e de que, ao nos esclarecer os rumos de seu pensamento, a aliança dos bons propósitos muito mais do que clara fique.

Anne-Sophie e Heinrich Schwartz tinham duas filhas: Anne-Louise e Laurie. O bem das moças costuma ser, acima de tudo, o controle e a sobriedade. A beleza, a alegria, a bondade, a simpatia, o conhecimento das artes e da música a todos enlevam, mas espera-se um grau superior, que as diferencie.

Não que as bem cuidadas filhas pudessem se entusiasmar com um viajante, um aventureiro, um *rocker*, um cantor de *jazz*, um bailarino, um pintor boêmio, um guitarrista, ou, Deus as livre, um escritor. Não. Anne-Louise sempre se interessou pela Suécia. Pensava viver bem numa terra regrada pelos costumes, pela lei e pela observância respeitosa dos ditames de um Deus que a tudo via e não se intrometia. Laurie, o uso dizer, tinha inclinação um pouco excessiva, talvez, pela cultura e pelas artes do homem, mais do que pela observância da lei e dos costumes religiosos. Ainda assim, fora educada a confrontar a vontade pura dos anseios com as exigências da contenção e dos atos deliberados pela instrução e pela boa inteligência.

Anne-Louise ostentava ar angelical, com seus olhos claros e cabelos curtos, quase uma acoçada por Godard. Laurie, ora cortava as madeixas, ora as deixava crescer. Ora vestia branco, ora preto, ora vermelho.

A mãe, Anne-Sophie, muito bem se aventurava no piano e no canto das lieder, principalmente as de Mahler, o judeu boêmio, talentoso e encantador.

— Anne-Louise — dizia Ricardo Pereyra —, a arte cristã e universalista de Bergman está longe de ser isolada e não pode, de maneira alguma, ser separada das suas raízes suecas.

— Laurie — falava Ricardo —, a modernidade consiste da vitória da cultura clássica e também da contestação e da síntese que as renovam. Tradição e ruptura.

A vida transcorria assim na família Schwartz. E o bom costume não é o de que todos colaborem para a manutenção e o progresso das casas onde vivem e das quais se nutrem? Das mulheres-objeto de encômios, Ricardo foi chamado por Heinrich a esclarecer suas intenções e, se acaso pudesse e quisesse, da possibilidade de participar de um negócio. Antes, deveria explicar de onde e a que vinha.

Ricardo era grato pela acolhida e pela confiança dadas a um filho da noite. O que podia advogar em seu favor? De tristeza e sofrimento era o seu passado. Muitas dores causara, sem querer. Por uma soma de tragédias, aqui tinha chegado.

Longe de Curitiba, em Barcelona, Ricardo trabalhava como operador no mercado de valores. Lá nascera e crescera, orgulhoso das tradições catalãs. Um pecúlio interessante reuniu em pouco tempo, pois sabia antecipar a alta e a queda dos movimentos.

Uma moça atraiu-lhe a atenção. Luísa Paredes, gentilíssima jovem, es-

guia, de cabelos curtos, morena, usufruía com regularidade das tapas da lanchonete do Palau de la Música Catalana.

Na Barceloneta andavam, a mirar o mar. Ah, “I wanna hold your hand”, cantava a inocência, pois coisa melhor não há. Nas noites, viam o *jazz* que os amantes descobrem nas canções, nos filmes e nos gestos de afeto.

Chove, faz frio, calor, venta, tudo muda e a vida também.

Amar Ricardo alterava a vida de Luísa. Filha tardia, crescera sob a vigilância e os cuidados ciumentos da mãe viúva, pois o pai se fora antes que o pudesse conhecer. A ausência de irmãos ou de outros parentes a deixava como a única mantenedora da velhice materna. A vida a esvaír-se lentamente, cada vez mais necessitada de atenções, dobrava os encargos que pesavam no destino da jovem. Amar Ricardo era amar menos a mãe, dona Alba, pois lhe tirava, progressivamente, o precioso tempo da filha.

Há uma força que move o mundo e renova a espécie. Jovem alguma, se for sadia, deixa de outro jovem procurar, mesmo que não o saiba. E não consegue não se apaixonar, não estabelecer relações, não sonhar.

— Você precisa viver —, dizia dona Alba, com a recriminação, entretanto, fixada na mágoa da idosa, que se achava em vias de abandono. E piorava a velha nos achaques quando a moça tardava ou, raro, pela madrugada apenas voltava à casa. Era uma ordem que mudava, sob protestos e recalcitrâncias.

Bem cedo tinha Luísa Paredes de iniciar o trabalho na *El Corte Inglés*. A chefia do setor de vestuário da procurada loja a ocupava o dia todo e o fim da tarde era um alívio. O *happy hour*, a saíndinha rápida com os colegas, um desafogo. Depois, a casa, as novelas e dona Alba. Agora, outra rotina se instaurava. Leve de início, complicada logo. Afei-

ções, amores e tempo não se ajustavam. O que Ricardo precisava era dela inteira só para ele. O que a mãe queria era a ordem antiga, que a mantinha e garantia. E do que Luísa necessitava, talvez ela não quisesse se dar conta.

Dominado pela paixão, Ricardo não suportava mais a ausência, o segundo plano em que se encontrava, sem maneiras de vencer. Ele pressionava mais Luísa. Queria que ela fosse morar com ele. Casariam, publicariam a notícia em edital público e tudo seria formalizado. Precisava disso. Não podia mais ficar dessa maneira e exigiu uma decisão. Aceitava ou não.

A mãe horrorizou-se com a perspectiva. Então, definharia em absoluta solidão? Em plena ingratidão da filha adúlada? Dela, por quem tudo fizera? O mundo não conhecia, embora muito o desejasse, porque tudo o que tivera, investira na formação da filha. Não era assim? Que reservas poupava para o pagamento de enfermeiras e damas de companhia na velhice? Se em tudo a filha querida tivera prioridade? E disso não se arrependia. Se algo de bom fizera, foi isso, de providenciar para que Luisa uma vida boa tivesse. Mas sempre a pensara juntas. Como ficaria sozinha e desvalida?

Ricardo ligava, dona Alba falava, os clientes da *El Corte Inglés* multiplicavam-se e não ficavam contentes com o atendimento. Luísa experimentou a vergonha da reprimenda oficial e da visão de portas se fechando. E isso, se era importante para o que imaginava ser seu futuro, era apenas parte das questões com as quais vivia e das quais teria que tomar decisões. Ela postergava, não decidia, e as pressões aumentavam.

Luísa fizera-se forte para dar conta das fraquezas da mãe, que se abandonava. Assim se tornara pela necessidade e não por naturalidade. Não tinha amigas próximas, namorado ou

CONTO

amante, antes de Ricardo. Para a mãe se dedicara, pelo trabalho pensava conviver com o mundo. Com Ricardo, a paixão conheceu. A angústia suprema reinou então, sobre os caminhos que não se abriam, sobre as opções de ganho e de perda. O mundo em que tinha vivido se fragmentava. Ela só achou uma saída.

Da ponta de uma corda muitas fugas acontecem. Dona Alba não suportou o suicídio da filha e logo feneceu. Ricardo sentiu que o mundo lhe faltava e encharcou-se de vergonha e dor. Viu-se como o único responsável pela tragédia, pois Luísa muito bem vivera até então, sem o seu amor obsessivo. Em nada mais pensava. A habilidade que tinha de descortinar o rumo do lucro na compra ou na venda se evaporou e as perdas logo o deixaram no chão. E ele não queria se levantar, culpado que se sabia.

Também Ricardo fugiu, sem rumo certo, por países, aeroportos, cidades. E aqui afinal chegou, numa noite chuvosa, sem saber direito como. Não seria o destino, o perdão divino, a graça de Deus, a abrir a porta da esperança? Não tinha revivido?

Heinrich Schwartz acreditava nos desígnios divinos. Não vivia bem? Não garantia o Senhor o bem-estar de Anne-Sophie e das filhas, não lhe dava a oportunidade do trabalho redentor? Dar a mão ao homem que se reergue pareceu-lhe a única possibilidade de um cristão. Pois ainda que se multipliquem sobre a Terra, os fiéis são os mesmos poucos que se abrigavam nas catacumbas. E só pela fraternidade sobreviveram e prosperaram.

Heinrich guardou a aceitação para si. A mulher e as filhas não sabiam de suas dúvidas, pois obstáculos prévios não colocara. Ricardo Pereyra foi contratado como representante dos negócios da família. Da venda dos produtos dos vinhedos deveria se ocupar e assim fez.



A nova linha de tintos apresentou com eficiência e brilho aos jornalistas e *connoisseurs* de São Paulo. Os comentários foram receptivos e as encomendas dispararam. A marca Schwartz foi o sucesso da temporada, exigência em todos os restaurantes de público antenado. A cepa europeia adquiria brilho próprio na terra nova. Ganhava força no *terroir* distinto. Sabores específicos, gostos particulares... elegância, acima de tudo.

Se as coisas dão certo, tudo está bem.

— Anne-Louise — dizia Ricardo —, a cristandade despida de ornamentos é a recuperação da mensagem. Muitos em um.

— Laurie — falava ele —, a diversidade da arte é o espelho que concentra e multiplica as possibilidades de abstração e expressão do ser humano. Um são muitos.

Ricardo Pereyra saiu-se muito bem também em Lisboa.

A nossa bossa da leveza brasileira reverteu a navegação das garrafas, como as variações do batuque e a influência do *jazz* tinham feito na música. Navegar é preciso, em Goa, Luanda, Florianópolis ou no Porto. A linha Schwartz era, então, o melhor *blend*. A mensagem original, partida da Europa quinhentista, voltava no cálice da aceitação dos povos, enriquecida, amadurecida e plural.

Se o olor do vinho assim fluía, se os negócios avançavam, tudo o que bem estava não acabaria bem?

Heinrich Schwartz pensou numa grande comemoração.

Dos ardores luteranos, Anne-Louise se deixara tomar de interesse pelo estrangeiro católico. Os dias curtos do inverno sueco, propícios ao recolhimento e à reflexão, não lhe pareciam mais atraentes que a luminosidade do verão curitibano. Os planos do novo assentamento tiveram de aguardar. Uma abertura teológica se prenunciava.

Laurie, se os humores alterava, não deixava nos modos demonstrar. Nada parecia importar nas atitudes independentes que sempre tomara. A atenção ao estrangeiro não a ocupava mais que o tempo devido da educação e da boa formação. Espaço maior tinha que dedicar à leitura dos novos poetas e *performers*, pelos quais se encantava e dos quais se esquecia, assim que a maré recuava e a vanguarda a retomava.

E foi por ela que Ricardo Pereyra não conseguiu deixar de se apaixonar.

O baile brilha. A música da orquestra a ninguém deixa sossegar. A bebida estimula os desinibidos e libera os tímidos. A dança é o ritual alegre da tribo, que a todos envolve. A valsa estonteia nos rodopios.

Heinrich Schwartz aguarda os visitantes na porta da casa. Ele procura: onde se encontra Anne-Sophie, que ainda não veio?

No mezanino a dominar a vas-

ta sala, Ricardo Pereyra aprecia a festa. Anne-Louise ou Laurie lhe darão a honra imensa do acompanhamento?

Um toque suave no ombro o faz transformar-se. Ele vira-se, ansioso: não é nenhuma delas.

Assustado, Ricardo Pereyra inclina a cabeça ante sua patroa, Anne-Sophie. E o que ele vê é o olhar desesperado: o largo colo resplandece, uma corrente de ouro e o crucifixo sobre a pele, contrastando com o vestido de veludo verde. Anne-Sophie dirige-se para Ricardo, plena de intenções, perdida totalmente nas vontades. Ela o cerca, impede a fuga, o olhar fixo em seus olhos, as mãos seguram-lhe os ombros, a boca abre-se para tomar o gosto da dele.

— Mãe! — Grita Laurie, e corre em direção aos dois. Os saltos altos dos sapatos a atrapalham e ela perde o equilíbrio. Tropeça, bate na murada do mezanino, vira e tomba. Cai e o barulho do corpo a bater no piso de mármore é o fim de muitas vidas.

Veja agora esse homem envelhecido, que se ajoelha nas lajotas duras da calçada, sob a chuva. Causou a morte de quem amou e levou a tragédia para dentro da casa que o abrigou da tormenta. Os que dele se aproximaram receberam o pior dos destinos. Por isso, só conseguiu passar a vida em solidão, apartado do convívio que ameniza o sofrimento. Pois ele só traz dor. Pensa carregar uma maldição, uma doença peçonhenta que envenena a vida daqueles que a sorte traz ao seu redor. Tudo lhe foi negado. Todos os castigos experimentou, de todas as pessoas se afastou. Não tem razão de sofrer, rezar e pedir perdão? ■

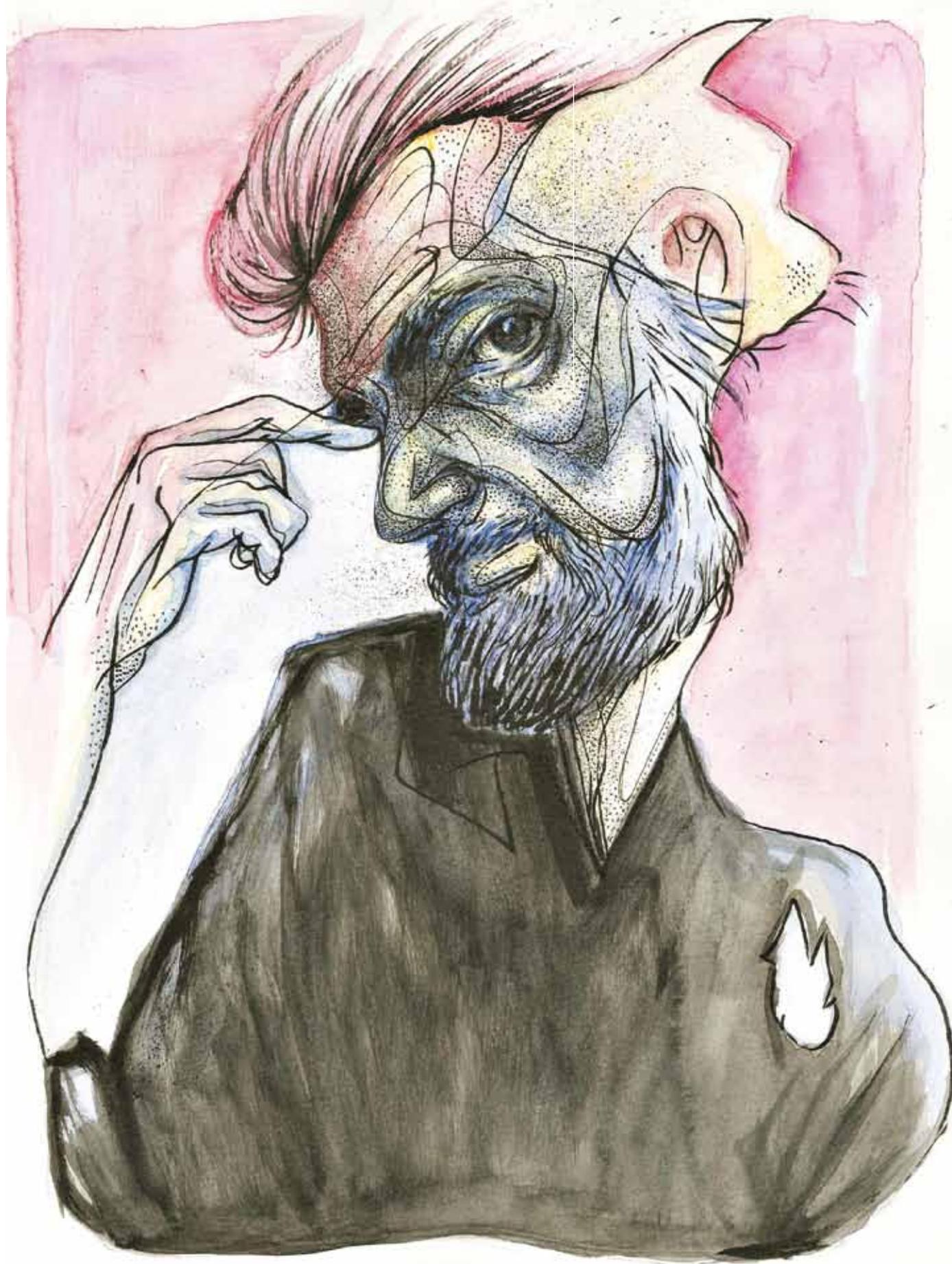
 **Otávio Duarte** é escritor e jornalista. Morou em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Entre outras obras, publicou o livro de poemas e contos *Fanfarra infante* (1998), o livro de contos *Seis romances e uma pintura* (2001) e o álbum *Clepsidra*, em parceria com o pintor Rones Dumke (2010), que ilustra o conto publicado aqui. Vive em Curitiba (PR).

RETRATO DE UM ARTISTA

JULIO CORTÁZAR

Por **Robson Vilalba**

Julio Florencio Cortázar nasceu em Bruxelas, Bélgica, em 26 de agosto de 1914. Quatro anos depois, mudou-se para a Argentina, onde estabeleceu sua carreira de escritor e professor de letras. Em 1951, passou a viver em Paris, onde faleceu, em fevereiro de 1984. É considerado um dos maiores contistas da história da literatura mundial e pertence uma geração de grandes escritores da literatura argentina, como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. Entre seus principais livros estão *Bestiário* (1951), *O jogo da amarelinha* (1963) e *Todos os fogos o fogo* (1966). Histórias fantásticas que questionam a racionalidade do cotidiano são a marca fundamental da literatura de Cortázar.



Robson Vilalba é ilustrador, cartunista e caricaturista.

Atuou como chargista e ilustrador no jornal *A Tribuna*, em Rodonópolis (MT), nos jornais *Notícia UEL* e *Folha Norte*, ambos de Londrina (PR), onde também publicou o livro *Londrinenses*, em parceria com Maurício Arruda Mendonça. Atualmente trabalha na *Gazeta do Povo*. Mantém os blogs *estacaofinlandia.blogspot.com* e *robsonvilalba.carbonmade.com*.

Em novembro, Vilalba apresenta a exposição *Letrados Caricatos*, na BPP. Vive em Curitiba (PR).

CONJUNTO HABITACIONAL ESPERANÇA

Ap. 925 – Bloco E

dentro de sete dias
serei despejado
deste amplo apartamento
de vinte metros quadrados

puta sacanagem
perder esta janela
sem sol
ou paisagem

fora os nove lances
de escada
e as pastilhas
que se jogam
da fachada

(desperdício
ou
suicídio?)

ficar sem o mofo
as infiltrações as pulgas
e esta bela vista
do fosso
que recolhe toda a chuva

para irrigar
minhas rugas

SUSANA EM DOIS TEMPOS

1.
da última vez que a vi
ela estava com pressa
mal me cumprimentou disse
que andava a mil

horas depois
tomou meia garrafa
de vodca
e três caixas
de rivotril



 **Iacyr Anderson Freitas** é poeta, mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicou mais de dez livros, entre poesia, prosa e ensaios. Já recebeu diversos prêmios literários nacionais e é publicado em pelo menos outros oito países. Entre suas principais obras estão *Trinca dos traidos* (2003) e *Oceano coligido* (2000). Vive em Juiz de Fora (MG).

2.
era alta
magra
e (segundo
dizia)
bem resolvida

embora seja impossível
cá entre nós
resolver

a vida

CONDESSA PETRINA MARZANO

Condessa Petrina Marzano
turbinou a bunda
melhorou a silhueta
com 300 ml
em cada teta

trocou de dieta
alcançou com botox
a antiga meta
depois de 23 cirurgias
na pele crivada
de setas

sacou duas costelas
e esticou o couro
até as canelas

bem que ficou natural
seu jeito de chorar
sem mudar o visual

apenas
por sequela
quando explode aquele riso

(aquele riso
que desgoverna)

ela levanta
ligeiramente
a perna

PAUSA

meu olhar despenca
desta
até outra sala

e dessa
na memória
até a fala

que há muito
se perdeu

no puro breu
de um voo

sem escalas ■

